



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS



Monografia

**O potencial identitário e contestatório das
tatuagens urbanas no Brasil - período
contemporâneo**

Danielle Ribeiro Oliveira

Mariana, MG

2022

Danielle Ribeiro Oliveira

O POTENCIAL IDENTITÁRIO E CONTESTATÓRIO DAS TATUAGENS
URBANAS NO BRASIL:
PERÍODO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de conclusão do curso de Serviço Social
da Universidade Federal de Ouro Preto.
Orientador: Davi Machado Perez.

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48p Oliveira, Danielle Ribeiro.
O potencial identitário e contestatório das tatuagens urbanas no Brasil: período contemporâneo.. [manuscrito] / Danielle Ribeiro Oliveira. - 2022.
74 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Davi Machado Perez.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Serviço Social .

1. Aceitação social. 2. Arte. 3. Cultura - Brasil. 4. Identidade de gênero.
5. Prisões. 6. Tatuagem. I. Perez, Davi Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.7

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Danielle Ribeiro Oliveira

O potencial identitário e contestatório das tatuagens no Brasil: período contemporâneo

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social

Aprovada em 24 de outubro de 2022

Membros da banca

Doutor - Davi Machado Perez - Orientador Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora - Adriana de Andrade Mesquita - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Marlon Garcia da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto

Davi Machado Perez, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/10/2022



Documento assinado eletronicamente por **Davi Machado Perez, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/10/2022, às 21:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana de Andrade Mesquita, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/10/2022, às 06:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0419361** e o código CRC **ADC96929**.

Quando dei início a este trabalho de conclusão de curso, meu filho ainda estava recém nascido, apesar de todas as dificuldades e sobrecarga, segui, trabalhando e estudando, por mim e por ele. Sempre que for comentar a minha trajetória dentro da universidade, essa parte com certeza, será a mais pessoalmente importante. Dedico este trabalho a todas as mães que precisaram interromper seus estudos para realizar o trabalho do cuidado com seus filhos, sonho com um horizonte em que essa árdua tarefa seja socialmente valorizada como deveria. Agradeço à minha mãe, pelos ensinamentos e exemplo de vida. Aos meus familiares pelo suporte e rede de apoio. À Escola de Capoeira Oxalufã, pelos ensinamentos e pela acolhida. Ao orientador Davi, pela troca e direcionamento e a todas as pessoas que lutaram para que a Universidade fosse um horizonte possível para pessoas de origem pobre e periférica.

Nós por nós!

**“Porque a justiça deles, só vai em cima de quem usa chinelo
E é vítima, agressão de farda é legítima
Barracos no chão, enquanto chove
Meus heróis também morreram de overdose,
De violência, sob coturnos de quem dita decência
Homens de farda são maus, era do caos,
Frios como halls, engatilha e plau!
Carniceiros ganham prêmios,
Na terra onde bebês, respiram gás lacrimogênio”
(Dedo na ferida - Emicida)**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar uma das histórias da tatuagem no Brasil no período contemporâneo, fazendo um resgate histórico da mesma presente no contexto urbano, com a finalidade de entender como se dá esse movimento artístico circunscrito em nossa sociabilidade, problematizando as relações interpessoais com os corpos e dialogando com o debate sobre identidade, evidenciando ainda a existência da discriminação para com os corpos modificados, principalmente os que já passaram pelo cárcere e como isso tem relação com a heteronormatividade e com os dogmas culturalmente presentes aqui, resgatando suas origens. Procura dialogar com o movimento expondo seu potencial transformador e contestatório tendo em vista que ainda é vítima de discriminação.

Palavras-chave: Tatuagem, Cárcere, Sociabilidade, Arte, Cultura.

SUMMARY

The present work aims to analyze one of the stories of tattooing in Brazil in the contemporary period, making a historical rescue of the same present in the urban context, in order to understand how this circumscribed artistic movement takes place in our sociability problematizing interpersonal relationships with bodies and dialoguing with the debate about identity, also evidencing the existence of discrimination against modified bodies, especially those who have passed through prison and how this is related to heteronormativity and the dogmas culturally present here, rescuing their origins. It seeks to dialogue with the movement, exposing its transformative and contestatory potential, considering that it is still the victim of discrimination.

Keywords: Tattoo, Prison, Sociability, Art, Culture.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
1. Aproximações iniciais à peculiaridade do estético.....	9
2. Cultura e formação socio-histórica do Brasil	18
2.1 A cultura popular como expressão dos dilemas nacionais.....	24
3. Tatuagem na contemporaneidade, contexto brasileiro.....	28
3.1 A tatuagem no cárcere: objeto de afirmação identitário.....	42
3.2 Gênero como particularidade na história da tatuagem.....	50
3.3 Movimentos contestatórios e a correlação com o uso da tatuagem.....	60
CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS.....	67

INTRODUÇÃO

Desde muito nova tive proximidade com diferentes grupos sociais na rua, a pixação, o movimento punk, underground, o movimento estudantil, organizadores de sarais, festivais, o movimento hip-hop e também o skate. Através disso, fui tendo contato com debates acerca da organização da revolta, principalmente através do movimento punk, o que me estimulou a estudar mais profundamente sobre debates históricos e sociais, acabando por fazer o curso de Serviço Social, além das vivências particulares e desejo de transformação social. Trabalho com modificação corporal há 6 anos e especificamente com tatuagem há 4 anos. Dentro desse universo, sempre me instigou compreender de forma mais profunda as contradições existentes, já que existem poucas pesquisas na área, além de ser uma temática que diz muito sobre cultura e identidade. A grade curricular do Serviço Social da UFOP, é muito rica em sua teoria, instigando o estudante a entender diversas complexidades existentes na sociedade, um dos motivos da realização dessa pesquisa, entendendo o campo artístico e cultural como grandes possibilidades transformadoras de sujeitos e coletivos.

Ainda perdura em nossa sociabilidade o preconceito com corpos modificados, busquei nesta pesquisa, levantar quem são esses corpos que seguem sendo alvo numa cultura que atualmente já se tornou de uso geral, tendo em vista que foi adotada por praticamente todas as pessoas do mundo, de diversas culturas, locais, religiões e grupos. Busquei compreender quem eram os grupos que se tatuavam no meio urbano no Brasil na contemporaneidade, compreendendo o período de 1980 à 1990 como uma virada de chave para vários acontecimentos dentro desse universo na atualidade. Apesar de haverem poucas pesquisas acerca dessa temática, existem contribuições importantes que foram usadas como referência para o arcabouço teórico da pesquisa, que foi realizada através do método de análise marxista de totalidade, dialogando com o contexto histórico. Para comprovar o desenvolvimento do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que teve como base autores que tratam de estética, cultura e formação social brasileira, dentre eles, Carlos Nelson Coutinho, Miguel Vedda, Lélia Gonzalez, Anibal Quijano, Ricardo Antunes, Abdias do nascimento, Silvana Jeha, entendendo-os como

importantes contribuintes para a fundamentação deste trabalho. A pesquisa foi fundamentada no método materialista histórico dialético de análise da totalidade, entendendo como fundamental para elaboração de um trabalho que não esteja descolado da realidade e analise de forma profunda e concreta as relações sociais e históricas.

Durante a pesquisa, foi possível observar que os movimentos da tatuagem urbana no Brasil não estão descolados da estrutura do capitalismo e que no interior desses grupos se faz fortemente presente a desigualdade de classe, raça e gênero. Além de também terem sido tomados pela fetichização da mercadoria e pelos novos modelos de superexploração do trabalho com o advento do avanço das tecnologias e do mundo virtual.

No decorrer do primeiro capítulo, conversamos um pouco sobre estética, arte e cultura, entendendo essa aproximação como engrandecedora para o debate, de forma a discutir categorias do trabalho, das emoções e aspirações da particularidade humana já discutidas por teóricos marxistas. Já no segundo capítulo, trago um pouco sobre a formação social brasileira, entendendo que a tatuagem no Brasil tem suas particularidades determinadas pela totalidade das relações sociais, sendo influenciada pelos processos históricos aqui vivenciados. Continuo trazendo quem eram as pessoas que se tatuavam na zona urbana no Brasil, entendendo o cárcere e a criminalidade como um dos mais profundos e importantes debates, tendo em vista que o sistema carcerário tira toda a identidade do sujeito e a tatuagem é exatamente sobre essa temática da identidade, da particularidade do indivíduo e de sua história, será falado também sobre questão de gênero, demonstrando como teve de haver luta das mulheres para com sua família e sociedade para que a tatuagem se popularizasse e se tornasse possível entre nós, tendo ela como afirmação de autonomia sobre seus corpos

Foi buscada uma aproximação com alguns contextos no decorrer da história, onde se era possível tratar especificamente de alguns locais e sujeitos que se tatuavam e também diferenciar da atualidade, onde já não é mais possível categorizar uma especificidade de pessoas que se tatuam, tendo em vista a enorme proporção na qual a tatuagem foi levada atualmente mas é possível identificar que a tatuagem foi historicamente um instrumento de resistência para com corpos na qual se tinha a tentativa de dominação.

Ao falarmos em tatuagem no Brasil, têm-se a necessidade de fazer o resgate histórico do nosso país, evidenciando os processos aqui existentes e quem eram as pessoas tatuadas daqui. Tal resgate é ainda difícil abarcar com uma data precisa, tendo em vista que existem poucas pesquisas sobre o tema e que não se sabe ao certo onde e de qual maneira se dá início ao processo de eternização de algo na pele. A tatuagem pelo mundo é milenar, é preciso evidenciar que a tatuagem é existente entre muitos povos para além do contexto urbano, e não somente nele.

Os povos indígenas da América do Sul estão entre os tatuadores mais prolíficos do mundo, mas o genocídio que sofreram com as colonizações fizeram com que restassem poucas tribos que ainda mantêm a tatuagem como prática. Um deles é o povo Kayabi, que habita hoje o Parque Indígena do Xingu. Para os Kayabi, a tatuagem do rosto serve tanto como uma marca tribal, para identificação de indivíduos como membros da tribo, como com a atribuição da alma dos indivíduos em rituais de iniciação. (VASCOUTO, 2022, p. 1)

Na presente pesquisa, vamos dar enfoque na tatuagem no Brasil, no período contemporâneo, presente no meio urbano. Devido ao complexo de vira-lata e da forte dominação europeia com relação aos países latino-americanos, existe uma forte valorização desses locais em termos artísticos no meio da tatuagem, o que é problemático tendo em vista a grande quantidade de material e riqueza que existe aqui, entre nós e entre vários outros lugares para além da Europa.

O que está em jogo com o complexo de vira-lata é a ética, a estética e as relações intersubjetivo que formam todo o nosso ser político, [...] um poderoso tema para uma análise psicopolítica que devemos empreender com urgência, considerando os cálculos que o poder vem fazendo sobre o que pensamos, sentimos e desejamos. (TIBURI, 2021, p. 98.)

Busco elucidar no terceiro capítulo da pesquisa bibliográfica, a potencialidade da tatuagem nos sujeitos como ferramenta de identidade, pertencimento, autonomia e memória. Por esse motivo, decidi dividir em mais três subcapítulos, entendendo o debate do cárcere, de gênero e de alguns movimentos contestatórios presentes na década de 1980 à 1990 como fundamentais para a tatuagem no meio urbano no Brasil ter se tornado como é hoje, além do avanço do capitalismo e das forças produtivas.

1. Aproximações iniciais à particularidade do estético.

A discussão sobre estética proposta pelo filósofo húngaro Georg Lukács é de grande contribuição para a pesquisa bibliográfica, já que a proposta do autor através de seus estudos durante sua trajetória foi de discutir, categorizar e diferenciar arte, ciência e religião, com base no materialismo histórico dialético, que nos dá a possibilidade de enxergar a realidade tal qual como ela é, expondo as contradições existentes. Neste capítulo, a proposta é à dar início a discussão da particularidade estética, tendo em vista que, o debate é extremamente profundo e necessita de muito mais discussão, estudo e aprofundamento, portanto, a idéia aqui trazida é de, elucidar o debate da estética como de grande importância para se refletir sobre a proposta da pesquisa. Vários dos livros do autor ainda não estão disponíveis traduzidos para o português, o que torna ainda mais dificultosa a pesquisa, portanto, faremos uso de alguns autores que traduzem, discutem e buscam entender o pensamento do autor, como Deribaldo Santos e Miguel Vedda, suas contribuições tornam mais compreensíveis o debate.

Para que fique definitivamente nítido porque o método dialético-materialista é o mais adequado para se analisar a estética, o esteta marxista declara que o ponto de partida da proposta certificada por Marx e Engels é a função real da subjetividade no reflexo estético, o que ilumina a subjetividade com uma diferenciação muito mais rica e aprofundada do que é possível a outras propostas teóricas. Esse modelo, respeitando as mediações específicas de cada caso, serve também para a ética, para a prática histórico-social, bem como para os demais campos da vida humana. (SANTOS, 2018, p. 62)

O materialismo histórico-dialético é um método de análise para se refletir a totalidade da realidade cotidiana, ele nos permite que discutamos de forma crítica e embasada, a particularidade estética que exerce uma função em nossa sociabilidade

Em questões como estas o pensamento metafísico põe ao conhecimento obstáculos insuperáveis. Pois seu “Sim ou Não” nega o conhecimento de passagens fluidas, as quais, entretanto, nos apresentam como problemas a resolver, tanto no curso da vida prática quanto no estudo dos períodos de gênese histórico-social da arte. O caráter metafísico da oposição, também rígida, entre os problemas genéticos e de vigência ou validade é outro obstáculo a mais nesse sentido. Somente o materialismo dialético e histórico se encontrará em situação de elaborar um método

histórico-sistemático para a investigação desses problemas. (LUKÁCS, 1963, p. 33)

Sabe-se que o homem se diferencia dos demais animais devido à sua capacidade intelectual e cognitiva, se formando e evoluindo historicamente enquanto sujeitos sociais à partir do trabalho, se constituindo enquanto seres sociais que compartilham de diversas culturas ao redor do mundo. Tal exercício se materializa no processo teleológico do trabalho:

O ato fundador do trabalho, a posição teleológica - vale dizer: a postulação de uma finalidade por parte do sujeito, e a busca dos meios necessários para a consecução do fim previsto - é a forma originária das múltiplas e heterogêneas opções e alternativas que regem tanto o metabolismo da sociedade com a natureza, quanto o conjunto das relações especificamente inter-humanas. (VEDDA, 2014, p. 273)

O processo artístico não está descolado da totalidade das relações humanas, portanto, a análise há de ser histórico/dialética, a arte faz parte do desenvolvimento humano através do trabalho, é necessário fazer a observação de que há diferença entre a posição teleológica e a posição estética mas que há uma relação entre as duas. De acordo com Vedda (2014), em ambas o sujeito se propõe a realizar fins predeterminados, porém, o trabalho se diferencia da reflexão científica, há uma suspensão temporária das finalidades práticas que há no processo teleológico do trabalho, não há uma necessidade direta e objetiva, e como é trazido por Lukács (1963), o ponto médio entre a ciência e a estética está no fato de ambas pensarem e refletirem a vida cotidiana. No campo da arte, a reflexão não precisa necessariamente retratar a realidade tal qual ela é, apesar de também poder fazer isso, a arte pode pegar elementos do real, do imaginário, são inúmeras possibilidades, a única que não é possível, é de haver uma neutralidade nesse processo, tendo em vista que, nós enquanto sujeitos sociais, carregados de bagagens históricas e dominados por uma estrutura capitalista de poder, quando decidimos não manifestar posicionamento político na luta contra a desigualdade entre classes, raça e gênero, ou estamos decididamente optando por compactuar com o ideário da sociabilidade burguesa, ou estamos engolidos por ele, de forma alienada.

A arte tem um caráter único e particular, que se difere da ciência, da religião e que pode se embebedar de elementos de ambas de acordo com o ponto de vista

de seu criador, influenciando o receptor, que poderá também, atribuir a ela um significado diferente do que o proposto pelo autor, isso a torna única e faz com que as possibilidades sejam imensas. A arte tem, inclusive, a capacidade de levantar discussões reflexivas antes não visualizadas pelo espectador e de trazer reflexão à uma sociabilidade estrategicamente pautada na fetichização, tem o poder de elucidar memórias, revolta, dores e discutir processos sociais e históricos:

A arte e a literatura - a memória viva da humanidade - são vias de acesso privilegiadas à generalidade humana, a essa essência subjacente às agitações instáveis, transitórias da superfície. Realizar na prática essa generidade implica superar aquela estrutura social na qual, como dizia Marx, a "natureza humana" aparece como uma generidade imanente a cada pessoa, e a sociedade como uma abstração contraposta ao indivíduo; (VEDDA,2014, p. 281)

É preciso evidenciar aqui que, apesar da arte ter suas particularidades, atualmente, está também presente na divisão social do trabalho, tendo em vista que faz parte da totalidade dentro do modo capitalista de produção, onde, tudo se torna mercadoria:

Somente pela troca é que os produtos do trabalho adquirem, como valores, uma existência social idêntica e uniforme, distinta da sua existência material e multiforme como objectos úteis. Esta cisão do produto do trabalho, em objecto útil e objecto de valor, só teve lugar na prática a partir do momento em que a troca adquiriu extensão e importância bastantes para que passassem a ser produzidos objectos úteis em *vista da troca*, de modo que o carácter de valor destes objectos é já tomado em consideração na sua própria produção. A partir desse momento, os trabalhos privados dos produtores adquirem, de facto, um duplo carácter social.(MARX, 2011, p. 123)

Devido aos processos de imperialismo e colonização que aconteceram no decorrer da história, foi se formando um imaginário baseado no pensamento eurocêntrico de que seres humanos quando não brancos eram primitivos e selvagens devido às suas práticas culturais e sociais. Trazendo esse debate mais centrado na estética da modificação corporal, ainda atualmente, práticas que remetem à culturas tradicionais de transformação do corpo ligadas ao público não branco, são vistas com estranheza, como o caso da escarificação, presente em muitos povos africanos com fundamentação técnica e artística, de modo a repetir padrões, tendo sempre um significado específico para cada marca. A modificação corporal se trata no geral de práticas culturais e artísticas que vão variar de acordo

com o meio, método e características únicas de um grupo ou um povo, determinados dentro de um período histórico, circunscritos na totalidade da realidade social.

Como norma geral, os críticos de arte operam dentro de uma definição elitista de “belas-artes” que envolve exclusivamente a arte branco-ocidental. Esta manifestação parcial da ideologia da brancura se torna de vez em quando paternalística, através de expoentes ilustres como um Clarival do Prado Valladares, que fala da arte negra como reflexo do “comportamento arcaico”: “o oposto da lógica racional, premissa inevitável do comportamento clássico” [190]. (NASCIMENTO, 2016, p. 155)

O debate se expande quando discutimos o por que da perspectiva do colonizador ainda atualmente fazer com que se crie no imaginário das massas essa estranheza no inconsciente do sujeito, tendo em vista que ele compartilha do ideário burguês sem saber que está preso numa realidade imaginária e falaciosa, grandemente difundida pela mídia de forma intencional a perpetuar o privilégio branco.

Nos referenciando aqui no pensamento trazido por Lukács (1978, p. 208) para refletir a arte e a política, é interessante observar que, existem teóricos burgueses que sustentam a ideia de que é possível que a arte seja apartidária, nesse sentido, como se houvesse uma neutralidade dentro da arte. Quando o autor traz o debate de partidarismo, ele está se referindo a tomada de posicionamento pelo artista frente às complexidades humanas, a posição do artista frente a realidade. Como em todas as relações humanas, na arte o antagonismo e a complexidade se fazem presentes, tanto do ponto de vista de quem a produz, tanto pelo ponto de vista de quem consome, desde a discussão sobre consumo, aceitação, valorização até o debate sobre recursos, formas, público e as expressões que foram usadas pelo artista para refletir a realidade, além dos sentimentos que o motivaram na construção da obra. Dentro da sociedade de classes, grandes obras artísticas são produzidas em diversos espaços públicos de forma que, foram objetivadas e concretizadas a partir de um sentimento de revolta para com a desigualdade e os resultados de muitas dessas obras é o encarceramento como o caso da pixação, que é proibida no Brasil devido ao ato que remete diretamente ao ataque à propriedade privada, tendo em vista que o ato da pixação acontece sem autorização. Falamos aqui, da pixação com X, mais especificamente centrando-nos numa estética do pixo que tem técnica própria e particular variando de acordo com a

região. Em contraponto, evidencia-se a desvalorização como o caso do graffiti e da pixação que está nas ruas de forma acessível em contrapartida a supervalorização das galerias privadas que o público pobre não consome. Isso diz muito sobre como o ideário burguês está presente na sociabilidade, determinando as formas de valorização artísticas e também demonstra, como a arte está totalmente ligada ao desenvolvimento humano, em determinado período histórico e as compartilhando das contradições presentes nas relações, que são construídas socialmente.

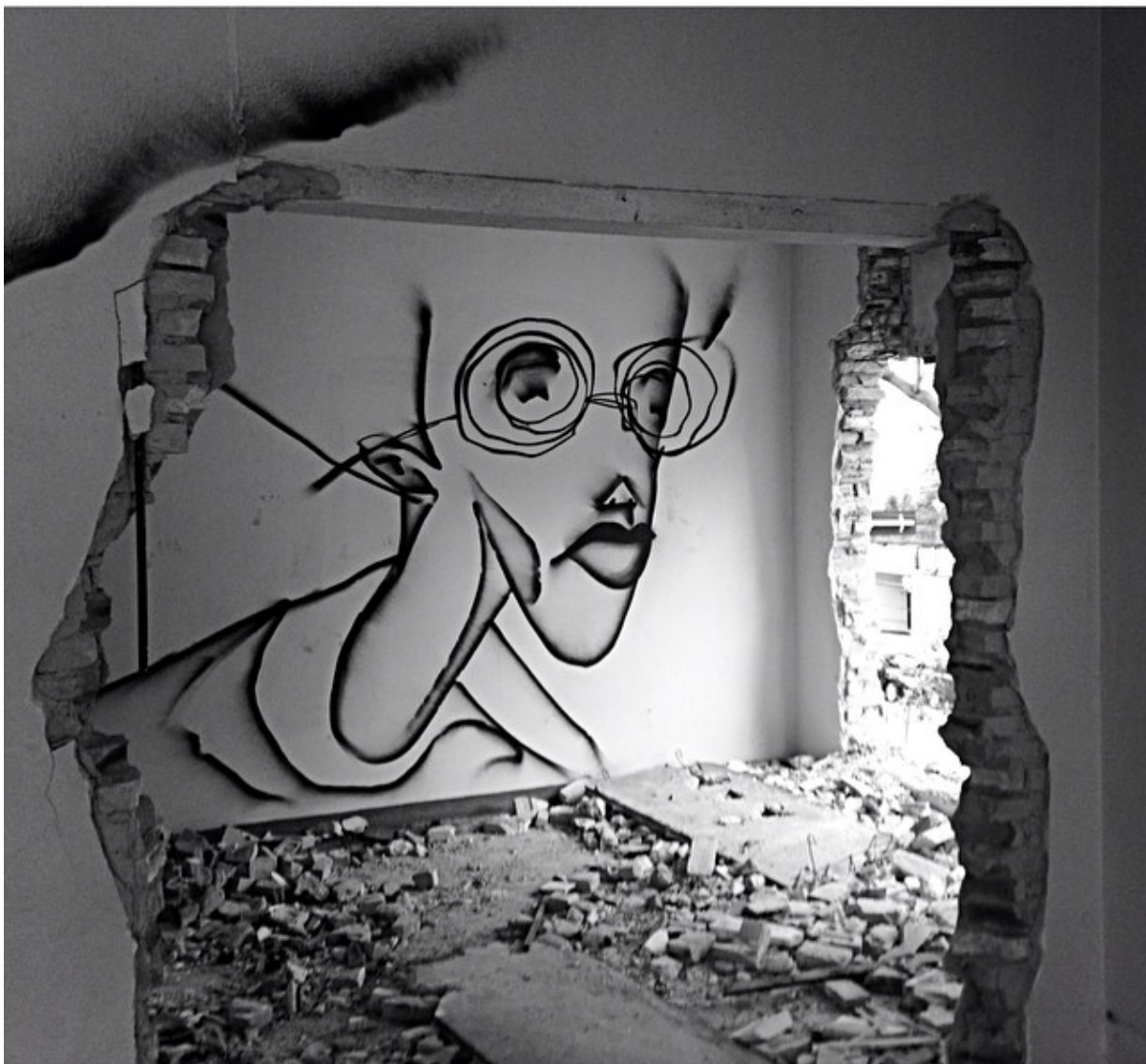
O que se verifica, precisamente, por meio do fato de que as características presentes nas formas superiores de convivência dos homens e mulheres como classe, nação, humanidade são produções próprias deles. Essas produções, mesmo sendo criadas inconscientemente, não procedem do mundo externo, confirmando, portanto, a dialética interno-externo na criação do mundo próprio ao humano. (SANTOS, 2018, p. 61)

Abaixo, alguns representantes da estética afro-brasileira na arte, se propondo a ser crítica, embasada e fundamentada.



OKÊ OXÓSSI, 1970
ABDIAS NASCIMENTO

Acrílica sobre tela, 90 x 60 cm. Coleção MASP, doação Elisa Larkin Nascimento | IPEAFRO, no contexto da exposição Histórias afro-atlânticas, 2018. Foto: Reprodução/Site MASP



ENIVO
Reprodução site do artista



PIRÂMIDE, 2020 (SÉRIE DIORAMA)
Marlon Amaro

Óleo, spray e caneta permanente sobre tela, 70 x 58 cm. Foto: Reprodução/Galeria Artur Fidalgo

É muito interessante observar a potência de cada uma dessas artes e a mensagem que é transmitida através delas, demonstrando o caráter particular da arte presente no Brasil, conversando com a totalidade das relações sociais. Como nos traz Coutinho (2011), ao contrário de uma ciência natural que nada tem a ver

com os dilemas nacionais, todo produto estético incorpora sua gênese histórico e nacional como estrutura ineliminável da obra artística, trazendo ainda, que, quanto mais um artista se tornar atento às particularidades históricas de seu local e tempo, mais particular e única será sua obra, sendo esse, um dos critérios para uma criação de grande obra artística. As obras apresentadas acima dialogam com a realidade de seu tempo, com uma estética particular do Brasil, tendo em vista que demonstra relações sociais e políticas aqui vivenciadas, deixando também exposto à estrutura presente e em quais moldes ela foi criada. Isso diferencia a estética latino-americana e brasileira dos países de capitalismo central, cujos moldes estruturais foram outros, já que ali nasceram os colonizadores.

Continuando o debate acerca da particularidade da arte, para que nós estudemos o debate enriquecedor proposto pelo filósofo húngaro Georg Lukács, é preciso tratar de dois conceitos trazidos por ele: o de antropomorfização e desantropomorfização.

Há a necessidade de se demonstrar, portanto, que o reflexo científico da realidade procura se libertar de todas as determinações antropológicas, tanto as derivadas da sensibilidade, como as que procedem da natureza intelectual. Em outras palavras, tal reflexo se esforça para reinventar os objetos e suas relações, do mesmo modo como são em-si, independente da consciência, isto é, desantropomorfizadamente. O que ocorre com o reflexo estético é completamente distinto. Ele tem origem nas pessoas e orienta sua finalidade para elas, parte do mundo humano e volta para ele: trafega de um sujeito para outro, portanto é antropomórfico (SANTOS, 2018, p. 47)

A estética é diferente da ciência, de modo que, nesse processo, há um caráter antropomórfico de leitura da realidade, tendo em vista que o processo artístico acontece totalmente ligado aos sujeitos humanos. Porém, arte e ciência estão circunscritas na totalidade das relações sociais, sendo influenciadas também pelo período histórico na qual estão inseridas. A ciência, categoriza os elementos da realidade, tentando dar-lhe explicações e é também passível de mudanças, a arte, não tenta categorizar a realidade, ela é uma expressão da realidade humana, demonstrando a perspectiva do artista frente ao mundo de seu tempo, podendo ser real ou imaginário, também havendo a possibilidade de mesclar esses dois elementos.

2. Cultura e formação sócio-histórica do Brasil

O estado brasileiro foi formado e fundamentado na violência, que começa com o marco do período colonial, onde os portugueses invadiram o país, alastrando suas concepções católicas conservadoras e dizimando povos aqui existentes. Desde então, é imposta uma cultura de superioridade racial, que parte desse período e perdura até os dias atuais, a diferença é que, se transformou e criaram-se mecanismos de fetichização do racismo. Como por exemplo, o mito da democracia racial e da meritocracia.

Desde os primeiros tempos da vida nacional aos dias de hoje, o privilégio de decidir tem ficado unicamente nas mãos dos propagadores e beneficiários do mito da “democracia racial”. Uma “democracia” cuja artificiosidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constituiriam detém todo o poder em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco. Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país. Não está patente que neste exclusivismo se radica o domínio quase absoluto desfrutado por algo tão falso quanto essa espécie de “democracia racial?” (NASCIMENTO, 2016, p. 42)

Esse tipo de alienação disseminada pelos detentores de poder, é uma ferramenta de desestruturação da luta política, cria-se uma ideia de que “somos todos iguais”, falaciosa, como se não houvesse discriminação racial no país. A tática de alienação citada acima, sempre foi usada pelos colonizadores e ela perdura atualmente, sendo usada por seus descendentes.

Semelhantes distorções da realidade são comuns no “mundo que o português criou”, sempre na tentativa de erigir uma fachada mascarando a ideologia imperialista. Não são fatos apenas do passado. Nos dias de hoje, no Brasil, herdeiro das tradições escravagistas de Portugal, pratica-se impunemente falsificações dos fatos históricos. (NASCIMENTO, 2016, P. 45)

É preciso enfatizar que, essa cultura está tão enraizada nas relações sociais brasileiras que esse discurso de adulteração de fatos históricos está presente no noticiário, nos filmes, em livros didáticos de escolas públicas:

Dante de Laytano, por exemplo, em publicação oficial do Ministério da Educação e Cultura (Campanha de Defesa do Folclore), afirma que A entrada do negro no Brasil foi simultânea com a descoberta do país. Ele

conhecia a escravidão, cultivava-a, e praticava-a como um sistema político. A escravidão era praticada na própria África. Os próprios africanos transplantaram-na para a América. [33] (Grifos meus.) (NASCIMENTO, 2016, p. 45)

Ao contrário da ideologia burguesa que é disseminada, a realidade se trata da continuação dos mecanismos de violência do período colonial, como o encarceramento em massa da população preta e pobre, na tentativa de retirada da identidade com um falso ideário de “reinserção” através do pagamento de penitência. Durante o período colonial, também foi estratégico difundir o pensamento do escravagismo como bom e necessário, quando na verdade se tratava do genocídio, da violência exacerbada, do encarceramento e da mão de obra obrigatória não remunerada, forçada. Não é atoa que, a Igreja Católica está presente em todas as penitenciárias brasileiras, usando o mecanismo da fé como norte para os aprisionados. Como nos traz Nascimento (2016), o cristianismo, em qualquer das suas formas, não constituiu outra coisa que aceitação, justificação e elogio da instituição escravocrata, com toda sua inerente brutalidade e desumanização dos africanos.

Há uma tentativa de retirada da identidade das pessoas existentes nesse país através do apagamento de sua ancestralidade, historicamente marcados pela disseminação impositiva do catolicismo, da proibição da capoeira, dos cantos e ritmos africanos, das religiões de matriz africana, dentre outras mais fetichizadas formas de propagação do racismo. Isso faz parte da estrutura desse país, constituído por um povo cujo conhecimento eram inúmeros e foram roubados e aprisionados. Se engana quem acredita que isto não mais acontece.

O desenvolvimento do capitalismo a nível mundial se diferencia quando diz respeito a particularidade latino-americana, aqui, o desenvolvimento das forças produtivas se deu de maneira diferente, com tecnologia obsoleta traga dos países de capitalismo central, inclusive, quando o capitalismo emergia nesses países, o Brasil ainda vivia em período colonial, escravagista. A garantia de necessidades básicas nesses países de capitalismo central só foi possível devido à condição de miséria vivenciada nos periféricos, assim como, a garantia de direitos trabalhistas .

Já nos países do Norte, onde nasceu, na gênese do movimento operário, uma forte aristocracia operária e, posteriormente, se desenvolveu um sólido proletariado herdeiro do taylorismo, do fordismo e do welfare State, o advento recente do precariado acentuou enormemente um traço forte de

diferenciação que existia, por exemplo, entre o proletariado tradicional do welfare State e os bolsões de imigrantes que se encontravam na base da classe trabalhadora, ainda que em dimensão e tamanho muito menores do que os atuais. (ANTUNES, 2018, p. 68.)

A formação social brasileira vai implicar diretamente no contexto cultural, tendo em vista que, há uma importação da ideologia liberal, como nos traz Coutinho (2011) e ao mesmo tempo, uma desvalorização da cultura local e também a perpetuação do racismo. Isso se demonstra com a importação da mão de obra branca e com o fim da escravatura sem garantias mínimas de sobrevivência e de trabalho, com a forte valorização do liberalismo, de ideologias de livre comércio.

É notável o quanto a legislação internacional e brasileira tem corrido contra o tempo a fim de resguardar o conhecimento tradicional e seu direito de propriedade. Direito esse que surge com a globalização, influenciada pelo capitalismo, afinal “propriedade” sobre o conhecimento pode representar uma armadilha, uma vez que o acesso ao conhecimento de populações tradicionais poderia estar restrito a alguns pesquisadores que se utilizariam dessas “descobertas científicas” em benefício próprio ou de uma minoria. (COSTA, MACHADO, MARQUES E OLIVEIRA, 2014, p. 8.)

Isso demonstra a continuidade do imperialismo e do roubo presentes no período colonial, mostra como ainda atualmente, estamos envolvidos sobre essa estrutura de poder, genocida e fundamentada na mentira, na alienação. Os direitos garantidos nos países de capitalismo central, só foram possíveis com a exploração massiva do trabalhador latino-americano, o que demonstra um imperialista nas relações do capitalismo mundial e dependente com relação aos países periféricos, isso é o que estrutura a nossa formação, o que diz muito sobre as diferentes formas de repressão presentes no nosso país, a fortíssima cultura do encarceramento em massa, do genocídio da população preta e pobre. Por isso, precisamos ler, debater e nos fundamentar em teorias críticas que trabalhem a formação social brasileira, através de escritores como Carlos Nelson Coutinho, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Silvio Almeida, Clovis Moura, entre outros.

O contexto brasileiro após a invasão da branquitude, é de chacina e genocídio, isso nunca mudou, apenas se transformou conforme as mudanças de modelos econômicos/sociais. Após a abolição da escravatura que foi resultado de muita luta do povo explorado aqui presente, os grandes detentores de poder trouxeram para mão de obra remunerada, imigrantes brancos, que receberam oportunidade empregatícia e também de moradia, enquanto os povos escravizados não receberam nenhum tipo de empregabilidade, auxílio, moradia e não existiam

direitos para essas pessoas, e por esse motivo, foram viver nos locais mais afastados, onde, ainda atualmente, a grande maioria não possui a menor estrutura, como, por exemplo, saneamento básico.

Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – e trancadas as oportunidades que lhe permitiriam melhorar suas condições de vida, sua moradia, inclusive. Alegações de que esta estratificação é “não racial” ou “puramente social e econômica” são chavões que se repetem e racionalizações basicamente racistas: pois o fator racial determina a posição social e econômica na sociedade brasileira. Frantz Fanon observa com propriedade: “O racista numa cultura com racismo é por esta razão normal. Ele atingiu a perfeita harmonia entre relações econômicas e ideologia.” [106] (NASCIMENTO, 2016, p. 78)

A condição de país colonizado, é determinante e fundante da estrutura social na qual o país está atualmente, a superexploração do trabalhador e a particularidade existente em nosso país com relação à pobreza extrema e miséria, principalmente do povo preto e periférico, tem herança nesse período, determinando as funções e cargos existentes atualmente e quem são os povos mais prejudicados no mundo do trabalho, da moradia e do acesso.

Nas periferias, o proletariado nasceu eivado da condição de precariedade. Bastaria dizer que o proletariado no Brasil – e em vários outros países que vivenciaram o escravismo colonial – efetivamente floresceu a partir da abolição do trabalho escravo, herdando a chaga de um dos mais longevos períodos de escravidão, de modo que sua precarização não é a exceção, mas um traço constante de sua particularidade desde a origem. (ANTUNES, 2018, p. 68)

No Brasil, toda a cultura que representasse ou tivesse raízes em povos africanos e originários, era tida como marginalidade e criminalidade, tanto que, a capoeira, arte, dança, jogo e luta do povo negro, por exemplo, era proibida até o ano de 1930 e hoje é considerada patrimônio imaterial da humanidade. Durante o período colonial, não era possível nenhuma manifestação cultural popular de forma livre, portanto, como nos traz Coutinho (2011), praticamente não havia sociedade civil durante esse período, havia repressão extrema, a pessoa liberta só podia votar nas eleições primárias, não podia ser eleitor nem trabalhar em nenhum cargo público, poderia servir no exército e na marinha. Traremos mais adiante um pouco da história da tatuagem na marinha brasileira e suas razões de ser.

Em 1888, se repetiria o mesmo ato “liberador” que a história do Brasil registra com o nome de Abolição ou de Lei Áurea, aquilo que não passou de um assassinato em massa, ou seja, a multiplicação do crime, em menor escala, dos “africanos livres”. Atirando os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, a abolição exonerou de responsabilidades os senhores, o Estado, e a igreja. (NASCIMENTO, 2016, p. 60)

É interessante pontuarmos que o direito civil brasileiro foi construído para defesa da propriedade privada dos grandes detentores de poder aqui existentes, antes escravocratas. Esse mesmo direito civil, sempre foi altamente excludente com a população liberta e atualmente, mesmo com suas transformações, através das suas contradições, da manipulação da mídia juntamente com o braço armado do Estado e políticos defensores do cárcere, é usado para perpetuação do genocídio e do encarceramento em massa da população preta e pobre. Apesar disso, ao falar em direito também é preciso que lembremos das lutas dos povos originários, do povo negro e dos trabalhadores desse país que sempre resistiram e lutaram de diferentes formas.

Entre os povos originários dessa terra hoje chamada Brasil em diversos lugares da África e Ásia, sempre foi presente a cultura da modificação corporal, de diversas formas, seja ela através da tatuagem, escarificação ou perfuração corporal. Atualmente, algumas delas se popularizaram e outras ainda são vistas com estranheza, tendo em vista a predominância da cultura patriarcal branca, grandemente difundida e propagada através da manipulação dos veículos midiáticos. É importante observarmos que historicamente, vários elementos culturais de origem não branca quando aderidos pela massa, passam a gerar lucro para a população branca e há uma tentativa de apagamento da sua origem. Por exemplo, a música rock que já era realizada por pessoas pretas nos Estados Unidos mas quem ganhou fama e reconhecimento foi Elvis Presley.

O rock é um gênero que foi popularizado por astros brancos, como o estadunidense Elvis Presley e o grupo britânico Beatles, mas nem todos sabem que sua origem está entre os negros tocadores de blues dos Estados Unidos. Apesar dessa procedência, o gênero logo foi ao longo da história “dominado” pelos brancos, restando pouco espaço para que os negros conseguissem se destacar. Assim como no restante do mundo, o gênero também desembarcou no Brasil e conta com um número extenso de bandas desde os anos cinquenta, porém a presença de negros, principalmente entre aqueles grupos que atingiram sucesso de mídia, também é restrita a alguns nomes. (CESARIO, 2022, p. 4).

O Golpe de 1964 trouxe grandes transformações na sociabilidade brasileira que ainda perduram até a atualidade, tendo em vista que a polícia brasileira é uma das mais letais do mundo. É necessário que tracemos um parâmetro de análise partindo do pressuposto de que a guerra velada existente no Brasil atualmente, tem suas raízes na formação sócio-histórica desse país. Estrategicamente, o que se observa é uma tentativa massiva de alienação da população que aqui se faz presente, através de diversas formas de veiculação de mentiras e também através da repressão, da imunidade dos grandes detentores de poder, do encarceramento em massa.

O capitalismo a nível mundial vai se modificando com o decorrer da história, atualmente, como nos traz Antunes (2018, p. 61), há uma nova fase da crise estrutural do capital, há uma expansão significativa da exploração do trabalho em todo o mundo, aumentada ainda mais nas regiões de capitalismo periférico

O aumento da exploração do trabalho, que passou cada vez mais a se configurar de fato como superexploração da força de trabalho, além de aumentar o desemprego, ampliou enormemente a informalidade, a terceirização e a flexibilização da força de trabalho, processo esse que atinge não só os países do Sul, as periferias do sistema, mas também os países centrais [61]. (ANTUNES, 2018, p. 61)

O que acontece na atualidade é uma expansão das diversas formas exploração do trabalho, se agravando com o avanço da tecnologia, através do trabalho informal por aplicativo, home-office e também devido ao uso exacerbado das redes sociais, de forma que, o tempo todo, o sujeito está ligado e disponível ao trabalho, ou seja, acaba sendo em tempo integral e sem folga, além dos que não são através da CLT, não terem nenhum direito trabalhista garantido. Como é o caso do Ifood, um aplicativo que não oferece alimentação para os trabalhadores, todos os gastos com os equipamentos de trabalho através do veículo vem do trabalhador, além de, caso esse trabalhador se machuque dentro da profissão de entregador que há um risco inclusive fatal, em nada se responsabiliza o aplicativo, além de ser muito mais difícil uma organização os trabalhadores na reivindicação de direitos tendo em vista que estrategicamente não há a figura do patrão mas sim de algo genérico, como o aplicativo.

Vamos, então, à luz da concepção ampla de classe trabalhadora, problematizar essa formulação. Segundo Standing, o precariado é uma

classe distinta daquela que se conformou durante o capitalismo industrial. Seria uma nova classe, diferenciada do proletariado herdeiro da era tayloristafordista. Sua configuração se aproximaria, então, de uma nova classe mais desorganizada, oscilante, ideologicamente difusa e, por isso, mais vulnerável, mais facilmente atraída por “políticas populistas”, suscetíveis de acolher inclusive apelos “neofascistas”. (ANTUNES, 2018, p. 64)

2. A cultura popular como expressão dos dilemas nacionais

Sempre existiu resistência à cultura patriarcal branca em nosso país, através de diferentes formas. A cultura popular por si só, já representa uma forma de luta, tendo em vista que, várias manifestações culturais originárias e de origem africanas houve tentativa de extermínio, através da proibição, da violência, do encarceramento, mas nunca deixaram de resistir.

Desde o início da escravidão, os africanos confrontaram a instituição, negando fatalmente a versão oficial de sua docilidade ao regime, assim como sua hipotética aptidão natural para o trabalho forçado. Eles recorreram a várias formas de protesto e recusa daquela condição que lhes fora imposta, entre as quais se incluíam o suicídio, o crime, a fuga, a insurreição, a revolta. (NASCIMENTO, 2016, P. 53)

As manifestações populares brasileiras remetem a um passado presente, na qual a sociabilidade expressa suas angústias, inquietações, seus amores e também suas raízes. Historicamente sempre há uma figura ou setores políticos ligados ao conservadorismo tentando censurar diversas formas de manifestações culturais brasileiras, remetendo primeiramente ao período colonial e também à ditadura militar, onde se tinha uma tentativa de silenciamento da revolta coletiva.

Partindo do pressuposto que só é possível analisar a arte e cultura no Brasil conjuntamente com a análise da totalidade, discutiremos aqui o contexto político, econômico e social do país correlacionando com arte e cultura, como nos traz Coutinho (2011), diferentemente do período absolutista onde o Estado impunha sua ideologia de forma que, quem discordasse cometia um crime contra o Estado, atualmente, no regime democrático-burguês onde vivemos, existem alianças de sujeitos coletivos e de luta, onde a cultura tem um papel fundamental na transformação societária, dentro e fora de instituições, no nosso país. Vivemos em

uma luta de classes onde a cultura é desvalorizada por parte da burguesia e há uma tentativa enorme de apagamento de determinadas culturas e formas expressivas de arte, principalmente as que são críticas e que levam a discussões sobre uma transformação societária.

Existem formas de arte que são constantemente atacadas, como podemos observar a pixação que ainda é considerada crime no Brasil, as batalhas de rap que constantemente são alvo de repressão policial, as tatuagens que fazem alusão à pensamento político e social que discordam do conservadorismo também são alvo de repressão policial e motivo para desqualificação empregatícia de forma velada e às vezes explícita, como é o caso da marinha atualmente. Há no Brasil, uma falsa ideia de democracia com o fim da ditadura militar, mas a verdade é que ainda há repressão e tentativa de censura com os diversos movimentos artísticos por parte do Estado nas diferentes esferas, artistas e produtores culturais críticos são constantemente atacados e ameaçados. Tudo isso acontece porque não é favorável para a burguesia que o trabalhador tome consciência de classe, que pense criticamente acerca das problemáticas estruturais dessa sociabilidade, por que isso implica na transformação, na organização da revolta:

A luta pelo específico articula-se aqui com a luta geral, ou seja, com a luta pela liberdade de expressão, de criação e de crítica, que só podem ser asseguradas plenamente num regime democrático aberto à renovação social. (COUTINHO, 2011, p. 33)

É preciso evidenciar que a luta pela arte e cultura, em favor da liberdade de expressão, anda junto com a luta pela democracia real e verdadeira e não a falsa democracia que vivenciamos no Brasil, exemplo disso é que, um dos primeiros setores a ser atacado durante a ditadura militar no Brasil foi o cultural, de modo que havia censura para o que era consumido e dito, mas é preciso evidenciar que a repressão não consegue calar uma mente crítica e pensante e é por esse motivo que o setor artístico e cultural do país se faz presente atualmente na luta pela liberdade de expressão que sempre se vê atacada pelos setores conservadores.

A cultura pode ser pensada em diversas esferas, existe no nosso país, a cultura do estupro, por exemplo, que significa que existe uma determinação cultural do patriarcado que é histórica, que vai formar e influenciar meninos desde novos à acreditarem que possuem poder sobre o corpo feminino. A alimentação também é cultural e política, variando de acordo com a região, dentro e fora do país, o setor

conservador, propaga seu ideário através da grande mídia, perpetuando a cultura patriarcal branca. É imprescindível evidenciar que cultura não é uma coisa só, massificada, é diversa e a censura por parte do setor conservador existe para que somente o que é valorizado pelo pensamento burguês seja difundido e propagado e em contraponto à isso, a arte e cultura críticos, fundamentados, que refletem profundamente a sociabilidade, são frequentemente atacados, por esse motivo, a pixação é crime ambiental e o que a Samarco fez em 2015 na cidade de Mariana é chamado de desastre, como se fosse algo natural.¹

A arte no Brasil é diversa e tem um caráter estético peculiar, que bebe em diversos elementos e influências. Sempre foi presente no país a resistência política dentro do setor artístico e aqui é importante desmistificar e romper com o ideário de que a arte é algo para consumo da elite, a arte é também popular, é presente na periferia e é feita pela periferia, só não é valorizada e remunerada como as obras de pintores Europeus. Portanto, é preciso que o artista brasileiro tome consciência de classe e lute coletivamente pela real democracia e transformação social. Somente com a descentralização da riqueza, todas as pessoas farão um maior consumo crítico da arte, rompendo com o silenciamento e alienação propostos pela cultura patriarcal branca.

É preciso que mulheres sejam convidadas a participar de eventos, mostras e festivais em mesma quantidade que homens e não como ainda é, com pouquíssimas mulheres. Para que mulheres possam trabalhar e exercer seu potencial artístico, é preciso que haja o ampliamiento das creches públicas, onde faltam vagas.

Dessa forma, evidencia-se que consumir e produzir arte está sempre ligado com a totalidade existente na sociabilidade e nunca descolado dela. Partindo da base analítica marxista, para que haja reflexão proposta na pesquisa bibliográfica é necessário que seja colocado em pauta a discussão da propriedade privada, da exploração do trabalho e aqui especificamente a exploração do trabalhador

¹ O rompimento da barragem de rejeitos tende a causar, ainda, uma série de impactos socioambientais de curto, médio e longo prazos. O principal impacto imediato foi a total destruição de residências, infraestrutura e ainda de áreas de pastagem, roças e floresta. Além da perda de vidas humanas, houve também a morte de animais domésticos e silvestres. Uma parte considerável da calha do rio Doce foi assoreada, o que deverá aumentar os riscos de enchentes nos próximos anos e mudar a dinâmica de inundações; partes que antes não eram ocupadas pelas águas durante as cheias devem passar a ser atingidas. (ZONTA, Márcio e TROCATE Charles Org.). Antes fosse mais leve a carga: reflexões sobre o desastre da Samarco/Vale/BHP/Billiton. Marabá-PA: Editorial Iguana, 2016. p. 33)

latino-americano e como isso é fundamental para discutirmos estética, arte e mais especificamente a tatuagem, tendo em vista que estamos trazendo aqui, uma manifestação cultural e artística que foi muito estigmatizada ao longo da história do país.

Portanto, falar de tatuagem, é observar que existem contrapontos nessa sociabilidade que vão julgar a partir do olhar burguês o que é considerado arte e o que não é. Por exemplo: recentemente, foi divulgado nas redes sociais através do Instagram (@massive_mia, 2022), um fotógrafo branco da USP que levou à uma exposição, uma pixação de um artista urbano que tem seu vulgo de pixação denominado NEGRO. O estudante branco, não procurou saber quem era o artista para lhe dar os créditos pela sua arte. Arte essa, que ali só estava sendo considerada arte, por estar exposta em uma galeria mas que na rua é extremamente estigmatizada e marginalizada. A pixação ainda é considerada crime atualmente e a estética desenvolvida pelos artistas dessa vertente muito influenciam os tatuadores que desenvolvem letras na pele. O que ataca a propriedade privada, gera estranheza, repúdio e medo. O ódio disseminado na mídia para com a arte periférica, é o que acaba determinando pelo pensamento burguês o que é arte e o que não é, assim como delimitam o que é crime e sabemos com dados estatísticos quem é a maioria encarcerada nesse país:

Em 2019, os negros representaram 66,7% da população carcerária, enquanto a população não negra (considerados brancos, amarelos e indígenas, segundo a classificação adotada pelo IBGE) representou 33,3%. Isso significa que, para cada não negro preso no Brasil em 2019, dois negros foram presos. E um pouco mais que o dobro, quando comparado aos brancos. (VARGAS,. 2020. p. 1)

No contexto mais específico da tatuagem, já acontecia milenarmente entre outros povos como no Egito, mas há textos nos quais colocam a origem da tatuagem no Brasil com a chegada do americano James Cook no Brasil com a primeira máquina elétrica. É importante que analisemos os juízos de valor que nos são impostos de forma velada, a desvalorizar a produção originária e preta e a valorizar a branca, em diversos segmentos.

3. A tatuagem na contemporaneidade - contexto brasileiro

É importante evidenciar que atualmente o cenário da tatuagem se transformou completamente do que era falar em tatuagem durante o período dos anos 1980-1990 em que havia uma possibilidade de evidenciar alguns grupos adeptos, que foi o tocante da presente pesquisa, entendendo esse período como de efervescentes mudanças que possibilitaram o crescimento massivo dos estúdios. Atualmente, não há possibilidade de categorização de grupos que há obtém, como fez Silvana Jeha quando pesquisou a tatuagem urbana no Brasil durante a década de 1930 até 1970. Qualquer pessoa hoje tem tatuagem, o acesso é extremamente mais fácil, há uma possibilidade de biossegurança impecável e a mercantilização tomou conta do processo. Nos subcapítulos seguintes, traçaremos alguns importantes pontos, locais e particularidades onde a tatuagem se fazia presente na década de 1980 à 1990, correlacionando com a atualidade, a fim de demonstrar como o processo se complexificou e se transformou conjuntamente com o desenvolvimento do capitalismo.

Muito se fala sobre uma história da tatuagem no Brasil com o marco da chegada de James Cook com a máquina elétrica em nosso país, porém, esse é um marco baseado na história de um europeu somente e que desconsidera a tatuagem presente em outros locais como dentro de comunidades originárias e através de outros artistas residentes aqui, essa tentativa de apagamento que sempre coloca o Europeu como superior, vem do colonialismo:

Em primeiro lugar, expropriaram as populações colonizadas –entre seus descobrimentos culturais– aqueles que resultavam mais aptos para o desenvolvimento do capitalismo e em benefício do centro europeu. Em segundo lugar, reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade. A repressão neste campo foi reconhecidamente mais violenta, profunda e duradoura entre os índios da América ibérica, a que condenaram a ser uma subcultura camponesa, iletrada, despojando-os de sua herança intelectual objetivada. Algo equivalente ocorreu na África. Sem dúvida muito menor foi a repressão no caso da Ásia, onde portanto uma parte importante da história e da herança intelectual, escrita, pôde ser preservada. E foi isso, precisamente, o que deu origem à categoria de Oriente. Em terceiro lugar, forçaram –também em medidas variáveis em cada caso– os colonizados a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa. É este o caso da religiosidade judaico-cristã. Todo esse acidentado processo implicou no

longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (QUIJANO, 2005, p. 4)

O Brasil passa por um processo de colonização e carrega grandes marcas desse período. Tratamos aqui do período de colonização no qual a Igreja Católica impunha sua dominação sob os corpos, objetivando a expansão do seu poder através da força, escravização, tortura e apagamento de culturas aqui presentes, originárias daqui e também trazidas do continente africano. Todo esse complexo processo, nos ajuda a entender o porquê de atualmente ainda haver tanta discriminação para com a modificação corporal, já que ainda são presentes aqui as amarras coloniais. Devido à tentativa de apagamento das tradições aqui presentes e de outras culturas existentes trazidas de outros locais para o encaixe de toda essa grande diversidade em um modelo baseado no dogma católico, é importante evidenciar a modificação corporal e a tatuagem como elementos contestatórios do modelo vigente que visa um padrão heteronormativo, patriarcal e branco. Portanto, esse movimento artístico e cultural tem um poder de transformação já que se trata de uma maior liberdade dos corpos que se propõe a ir contra essas imposições perpetuadas pela repressão exercida por diferentes poderes, como por exemplo, na década de 30, onde havia uma tentativa de controle de corpos de marinheiros, prostitutas, e no decorrer da história, onde a tatuagem se fez presentes em locais e pessoas que tinham seus corpos e individualidades reprimidas, como as mulheres, jovens críticos, pessoas encarcerada.

Devido à dominação histórica na qual estamos inseridos e atualmente com a existência do modo de produção capitalista, fomos induzidos a não contestar o modelo vigente. na América Latina não existe a efetivação de direitos básicos e é negado à população mais pobre o direito ao consumo e a produção de arte, mas, ainda assim, sem recursos, a periferia nunca parou de produzir e consumir arte. O atual modelo capitalista propõe a centralidade do trabalho como único objetivo, de forma que os trabalhadores fiquem tão exauridos a ponto de não ter tempo para consumir arte. Porém, é fortemente presente nas regiões periféricas uma gama diversa de produções artísticas que vai contra essas imposições e que tem um grande potencial transformador. A tatuagem está também circunscrita nesse meio e tem forte influência dele e também para com ele.

A tatuagem no meio urbano no Brasil durante o período dos anos 1980 e 1990, era bastante popularizada entre grupos que não seguem a heteronormatividade, ditos “marginalizados”, de cultura periférica, contestatória e política. Durante esse período, a tatuagem foi cada vez se profissionalizando e atualizando mais e se tornando mais popular também, de forma que atualmente, é vista com mais profissionalismo e com um viés artístico, durante o período da zona portuária da tatuagem no Brasil, era mais estigmatizada, e não se tinha assepsia e nem estudo voltado para tal, se tatuava sem luva, e, locais públicos, dentro do cárcere e também dentro dos barcos. O processo da tatuagem no Brasil é histórico e cultural, circunscrito na totalidade, partindo do ponto de vista da análise marxista. Desde o movimento punk ao crime organizado com suas linguagens específicas acerca do significado de determinados desenhos, todas essas culturas diversas tem suas particularidades de acordo com o local, as crenças e o contexto político.

Vamos falar um pouco aqui de cada um desses movimentos e como a arte na pele dentro de cada contexto tratava de uma temática e estética diferentes mas que conversam entre si, o que deu solo para que atualmente se tornasse tão popularizada e diversificada.

Em síntese, está se investindo na subversão dos valores, do status e do lugar social e cultural que tem acompanhado essa prática no Ocidente em seus três componentes básicos: o tipo de usuário - de uma população marginal a todas as classes sociais -, o perfil do tatuador - de amador a profissional - e o caráter da tatuagem - de marca de estigma à obra artística. (FONSECA, 2003, p. 36)

É necessário lembrar sempre que, para que hoje houvesse liberdade de expressão e direitos sociais, houve e ainda há muita luta, tendo em vista que a todo momento há a tentativa de retrocesso por parte da política neoliberal e conservadora brasileira. Dentro do contexto específico da tatuagem, atualmente, há muito estudo voltado para a área de biossegurança, tentativa de regulamentação da profissão, engajamento de profissionais através de workshops, encontros internacionais e nacionais.

Dentre os diferentes movimentos urbanos existentes no Brasil durante essa década que eram adeptos da tatuagem, podemos destacar o movimento punk. Ele começa a crescer no Brasil durante a década de 1970, com influência inglesa, (falar sobre esse movimento). No contexto brasileiro, se tratavam de jovens, em sua

maioria periféricos, que através de fanzines, bandas e eventos, propagavam a sua contestação contra as injustiças sociais presentes na sociabilidade capitalista brasileira. Esse movimento era fortemente reprimido pela polícia, como podemos observar no documentário Botinada “A origem do punk no Brasil” (2006), demonstrando o caráter politizado desse movimento, tendo em vista que dentro dele, existem por exemplo, vertentes como o anarcopunk, que vai traçar o debate do Anarquismo, juntamente com a música punk, através de suas letras de contestação à ordem vigente, lendo em uma sociedade para além da presente, portanto, traz uma fundamentação teórica no interior do movimento e também pensando o externo, para além dele.

O período dos anos 1980 a 1990 no movimento da tatuagem foi uma virada de chave para que ela deixasse de ser diretamente associada à criminalidade e se tornasse popularizada. Foi um período de avanço para a profissão através da luta dentro da classe artística que passou a se reunir em encontros, workshops, no sentido de profissionalizar e avançar na categoria, mas também um processo de mercantilização da tatuagem passa a ocorrer, de forma que a fetichização da mercadoria como nos trouxe o filósofo Karl Marx em seu livro O capital:

A reflexão sobre as formas da vida social, e por conseguinte a sua análise científica, segue um caminho completamente oposto ao do movimento real. Começa depois dos factos consumados, já com os resultados do processo de desenvolvimento. As formas que imprimem aos produtos do trabalho a marca de mercadorias e que por isso são pressuposto da sua circulação, possuem, também elas, já a fixidez de formas naturais da vida social, antes que os homens procurem dar-se conta, não do carácter histórico destas - que, pelo contrário, se lhes apresentam já como imutáveis -, mas do seu sentido último. Assim, foi somente a análise do preço das mercadorias que conduziu à determinação da grandeza do valor, e somente a comum expressão das mercadorias em dinheiro levou à fixação do seu carácter de valor. Ora, é precisamente esta forma acabada do mundo das mercadorias, a sua forma-dinheiro, que, em vez de revelar, dissimula o carácter social dos trabalhos privados e as relações sociais entre os produtores. (MARX, 2011, p. 124)

Com o passar do tempo, o processo artístico da tatuagem é comercializado, mercantilizado, alienado e fetichizado. Isso se manifesta nas cópias, nas ditas “tatuagens comerciais” que são as novas tatuagens com traços finos e desenhos repetidos. Se manifestam também nas convenções que passam a ocorrer no Brasil a partir da década de 1990, com encontros gigantescos, de grande público para exibição de tatuagens, no sentido de competição em que a maioria das peles que

são tatuadas são brancas, isso torna o processo vazio, comercial e alienado, baseado numa lógica burguesa. O processo artístico vai se esvaziando e dando espaço para a alienação, o trabalho fica mecanizado e percebe-se também que não há a segurança de direitos trabalhistas para esses profissionais da área, que são precarizados e acabam por esvaziar seu potencial artístico, pois ficam reféns da sobrevivência dentro do modo de produção capitalista.

Esses trabalhos delicados, comerciais e também realizados com traços finos, usam uma técnica que não é baseada na tatuagem que é duradoura, tradicional, utilizadas há primórdios atrás e devido a comercialização que foi se tornando aceita e popularizada, quando houve a passagem de seu uso das classes mais baixas para também a classe média brasileira. Com isso, a tatuagem deixa de ser exibida como nos anos 1930 nos jornais somente ao falar de criminosos e pessoas assassinadas, ela passa a compor os mais diversos corpos de todas as classes. Infelizmente, como nos traz Baco exu do blues em sua canção “Bluesman”, várias categorias que historicamente já eram praticadas por pessoas negras, só são aceitas quando praticadas por pessoas brancas, e essas pessoas acabam levando todo o crédito como se fossem as criadoras de diversos aspectos artísticos e culturais, como o rock, o blues e a tatuagem, que para muitos, é marcada a sua chegada no Brasil com um Europeu chamado James Cook, sendo que já haviam povos indígenas brasileiros que se tatuavam. James Cook, foi um europeu que trouxe a primeira máquina elétrica para o Brasil e por muitos lhe é atribuído o começo da história da tatuagem no Brasil, quando na verdade, não é. Portanto, há a subversão e ocultação dos fatos históricos.

Com o avanço das tecnologias de produção, mundialmente há uma ação contraditória, ao mesmo tempo em que a tecnologia se torna uma ferramenta de transformação e emancipação, acaba por prejudicar o trabalhador que exerce um ofício manual, já que seu exercício demora mais tempo e geralmente, não é valorizado como deveria e a produção é menor, além de mais lenta. Como na capoeira, onde instrumentos como o berimbau são feitos totalmente de forma manual, através de um processo longo e demorado, que é preciso ser ensinado por um mestre e é vendido por preço extremamente menor do que um piano. Com a tatuagem, acontece o mesmo processo: com a criação do maquinário eletrônico, acontece o surgimento de indústria voltada para o mercado da tatuagem, de forma a desvalorizar a tatuagem originária, fortemente colocada como “antiquada”, isso

quando é mencionada, por que, várias pessoas colocam em seus textos e matérias que o surgimento da tatuagem profissional no Brasil se deu com o maquinário elétrico, sendo que esse ofício já acontecia aqui e no mundo à muito tempo, muito antes da chegada desse maquinário e também da indústria. Ou seja, colocam como "profissional" somente o trabalhador que está fazendo uso de uma tecnologia industrial.

A tatuagem que se refere a periferia se torna uma marca para a repressão policial e a tatuagem comercial passa a ser aceita, valorizada e ser vista como belo. A ressignificação da tatuagem não chegou nos corpos tatuados que vivem em regiões periféricas, portanto, é necessário que façamos um debate de classe para se falar de arte e cultura no Brasil. Surgem grandes empresas que se apropriaram da técnica usada pelos artistas para criar maquinários, cosméticos voltados especificamente para essa área e grandes eventos são realizados dentro do meio, com grande consumo. O fato de mais pessoas se tatuarem durante essa década também tem a ver com a sensação de pertencimento do sujeito. A arte parte do entendimento de sujeitos que vivem de maneira coletiva e tem suas interpretações diferenciadas acerca da arte produzida e vista. Dessa forma, a arte é única. A tatuagem comercial, que reproduz fontes e desenhos prontos e repetidos e é realizada pelo artista como uma forma de sobrevivência através de seu trabalho, não tem potencial criativo e portanto não se trata de um processo artístico mas sim de uma forma de sustento e sobrevivência que o trabalhador acaba por se submeter já que a grande maioria das pessoas vão o procurar para isto. Atualmente, com o avanço da tecnologia e o consumo desenfreado de aparelhos eletrônicos, os artistas estão sendo submetidos a uma pressão enorme de produção e o resultado disso é um enorme esgotamento mental e uma grande produção sem muita profundidade, sem explorar a capacidade criativa do artista.

A tatuagem faz parte da construção da identidade de uma pessoa, a partir do momento em que é feita com a objetivação da eternização de uma arte na pele, torna a pessoa uma expositora de artes de forma viva, expressiva, conversando com o corpo, os sentimentos e crenças de acordo com os desenhos particulares de cada indivíduo. O processo da tatuagem no decorrer da história é carregado de significados, variando de acordo com a região e na década de 1980 com uma maior mercantilização da tatuagem e como consequência, sua maior popularização, o processo vai perdendo de certa forma seu caráter significativo para se tornar algo

raso, sem muito significado, apesar do cliente ter sido motivado por alguma razão, quando a tatuagem é comercial, o seu objetivo não é valorizar o trabalho do artista mas sim consumir um produto, como um procedimento estético, corporal.

O objetivo aqui levantando esse debate, não é desqualificar o trabalho de quem realiza tatuagens comerciais para sobreviver mas sim evidenciar que o caráter fechitizador das relações que paira na sociedade burguesa, também atravessa o processo da tatuagem, à esvaziando de seu significado e isso fica mais evidente durante o período dos anos 1980 à 1990, quando falamos de Brasil. Nesse período, a tatuagem no meio urbano era vista com muito mais olhos pela sociedade em geral, que não fazia parte do meio e não era adepta dela, apesar de ser um período que muito contribuiu para sua popularização e também para avanços com relação a direitos e contra a discriminação, posterior à esse período, o que vemos é um aleitamento maior da sua realização. Se tatuar no período dos anos 1980 à 1990 no Brasil com desenhos não comerciais, significava colocar o seu corpo contra à ordem estabelecida, tendo em vista que o padrão heteronormativo branco brasileiro não aceitava corpos tatuados durante aquele período, sendo assim, se tratava de uma verdadeira forma de contestação através do corpo, da modificação corporal, elas marcas contam a trajetória de uma pessoa, seus sentimentos que levaram ela a eternizar algo na pele. Essa manifestação durante esse período, trazia diversos prejuízos para quem realizava a tatuagem em locais expostos e visíveis como a não empregabilidade ou o trabalho realizado de forma autônoma e sem ditos garantidos, já que o emprego formal não era possível a discriminação, isso diz muito sobre os seres que tatuavam desenhos não comerciais durante esse período, seres corajosos e não acomodados e acriticos, pessoas que de alguma forma, tinha em seu âmago, sede de mudança. A tatuagem urbana no Brasil é um processo que está circunscrito durante esse período na sociabilidade burguesa, sendo o processo uma manifestação cultural, artística e política, tendo o potencial para ser crítica mas também pode não o fazer, as possibilidades são inúmeras, tendo em vista que não se trata de um grupo social homogêneo, se tratam de pessoas, de diferentes culturas, que são adeptas a tatuagem

A mercantilização das coisas torna o processo da tatuagem além de vazio, repetitivo, torna o artista uma mera “impressora”, reproduzindo cópias em outros corpos. Precisamos trazer aqui que, dos anos 1980 à 1990, o cenário da tatuagem no Brasil muda bastante, nos anos 1980, devido ao histórico de criminalização da

tatuagem e dos corpos que a tinham, os studios ainda eram muito escondidos, frequentados somente pelo público que já era adepto: pessoas que questionavam a sociabilidade de alguma forma, que geralmente não estavam em vínculo empregatício formal, já que durante esse período era muito difícil uma pessoa tatuada conseguir emprego fixo com direitos garantidos. O artista tatuador também desde o início da profissionalização da tatuagem urbana no Brasil não teve nenhum direito trabalhista garantido, sendo um profissional autônomo, sem horas reguladas e nem segurança com relação a atendimento. Com isso, é evidente que o avanço das tecnologias exerce um papel contraditório na vida do artista: ao mesmo tempo que proporciona um acesso maior da população ao contato com o trabalho dessas pessoas, aprisiona o trabalhador fazendo com que as pessoas acreditem que ele precisa estar trabalhando 24h na frente do celular, acessível a qualquer momento.

Essa nova morfologia do trabalho abrange os mais distintos modos de ser da informalidade, ampliando o universo do trabalho invisibilizado, ao mesmo tempo que potencializa novos mecanismos geradores de valor, ainda que sob a aparência do não valor, utilizando-se de novos e velhos mecanismos de intensificação (quando não de autoexploração) do trabalho (ANTUNES, 2018, p. 78)

O avanço da tecnologia além do acesso e desmistificação do processo, proporcionou também um maior contato de troca entre profissionais, marcando reuniões, guests (possibilidade de viagem para trabalhar em studios de outras cidades, estados e países), e também troca de conhecimentos acerca de técnicas e até mesmo com relação a biossegurança, já que, durante o período dos anos 1980, não havia muita biossegurança no processo da tatuagem, pela falta de conhecimento e também pela escassez de recursos, tendo em vista que, como as pessoas adeptas da tatuagem durante essa época eram pessoas pobres e excluídas da empregabilidade formal e direitos básicos, não havia gasto e investimento desses profissionais em biossegurança, nem recurso, tendo em vista que, para investir em cursos e materiais de biossegurança é preciso ter o dinheiro necessário que não havia na época, já que poucas pessoas se tatuavam. Esse debate ainda pode ser possível de ser feito atualmente se trago para outra esfera, partindo do pressuposto da inexistência da meritocracia, artistas pobres se veem com muito mais dificuldades em sua caminhada para sobreviver de seu trabalho e melhorar as suas técnicas do que pessoas da classe média alta brasileira que tem esses recursos já no início da carreira.

Continuando o debate sobre biossegurança, faremos aqui uma correlação entre tatuagem no Brasil durante os anos 1980 e um fenômeno global: a expansão do vírus da AIDS, que ainda não se sabia muito sobre e era muito ligado à homofobia, já que acreditava-se durante um certo período que apenas pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo portavam a doença. O fato de haver uma enorme estigmatização e também preconceito com relação à doença, fez com que o foco da mídia se tornasse o âmbito social, de valores e não no âmbito científico, de divulgação de material de qualidade, voltado para cuidados com biossegurança. O fato da homofobia pairar sobre a doença como julgamentos do tipo “a doença veio para punir a homoafetividade”, atrasou também os recursos científicos na busca por uma cura da doença, que devido aos anos de existência, já deveria se fazer presente. O debate sobre AIDS não deve passar pela temática conservadora e homofóbica mas sim pela temática de discussão sobre direito sexuais e reprodutivos, biossegurança e cuidados com o corpo, somente por essa via, é possível haver construção coletiva e investimento publicado para erradicação da doença, o que não havia no início da epidemia, já que acreditava-se pela população influenciada pela mídia conservadora que aquela era uma doença somente de gays. No do documentário histórias da Tattoo disponível no YouTube, Antônio Stoppa conta que no ano de 1984 no Brasil começou a se falar muito da contaminação por HIV no Brasil e ele pensou em parar de tatuar porém um médico para ele alguns conhecimentos de biossegurança e ele continuou tatuando, apesar de fazer tudo errado e haver muita contaminação cruzada, tendo em vista que ele relata lavar a luva e usar a mesma luva em vários procedimentos. Relata também, que durante esse período, a criminalização da tatuagem era extrema, a ponto de, durante uma abordagem policial se perguntava se a pessoa tinha tatuagem, se ela respondesse que sim, era levada à delegacia e ficava detido por uns dias, somente por ter a tatuagem no corpo, mesmo se não houvessem antecedentes criminais.

Como trago pelo artista fabricante de máquinas Jabá no documentário histórias da tatuagem disponível no YouTube, na década de 1980 no Brasil, o processo para se tornar tatuador era demorado, tudo começava com um trabalho anterior dentro de outras atividades como limpeza do studio, recepcionaremos de clientes, respeito ao processo e aos mestres mais velhos e também se tinha um mestre, um mentor que ensinaria ali o ofício da tatuagem. De acordo com o artista, a tatuagem durante a década dos anos 1980 significava um ato de rebeldia,

contestatório e caminhava junto com grupos como o movimento punk e o skate, apesar de serem outro tipo de movimento, estavam interligados através da contracultura, do movimento underground, independente.

Atualmente, com o avanço das tecnologias e pela profissão não ser regulamentada, qualquer pessoa pode se tornar tatuador sem nunca ter pego numa máquina ou não entender absolutamente nada de desenho e com o avanço do marketing digital e a venda de cursos on-line, é fortemente passado e vendido nas redes sociais uma ideia de ganhar dinheiro fácil através da tatuagem. Devido à isso, existem vários pseudo profissionais dentro do meio que não entendem absolutamente nada de biossegurança ou técnica de desenho e tatuagem, que na verdade são iniciantes no processo que caíram numa onda falaciosa de dinheiro fácil ou fizeram um curso on-line sem muito embasamento, apenas pela venda. Essa situação é problemática porque além de muitas pessoas gastarem o que tem e o que não tem para caírem numa ideia mentirosa, vários clientes saem arrependidos de tatuagens mal feitas e com pouca técnica, além do risco de contaminação cruzada que há no processo feito sem cuidado. Esse esvaziamento do conhecimento e da formação no Brasil se dá no âmbito geral, em todas as áreas, com o sucateamento da educação e essa nova era de venda de cursos on-line. O resultado da educação a distância são um grande contingente de profissionais com pouca carga de conhecimento e experiência que é possível se ter com o ensino presencial.

Houve durante o processo da popularização da tatuagem no Brasil, uma grande importação de estilos de desenhos de outras regiões, como é o caso da popularização da tatuagem oriental, dos estilos “old school”, “neotradicional”, mas aqui, há também uma criação de uma certa identidade, variando de região para região e também de artista para artista, tendo em vista que o processo de criação do desenho artístico, parte muito da interpretação de mundo que o artista tem. Por exemplo, no Brasil, há uma popularização enorme da realização de tatuagem de uma pessoa indígena, com grafismos que a pessoa que executa não sabe o significado, com cocar dos povos originários dos Estados Unidos e os traços de mulher branca. Ou seja, além do processo se tornar esvaziado, ele demonstra o caráter interpretativo da realidade exposto por aquele artista: uma concepção de mundo mistificada, racializada, e sem muito aprofundamento em discussões críticas, tendo em vista que houve uma mistura sem entender a base, a fundamentação dos

elementos, isso comprova que toda arte tem um caráter político, apesar de serem coisas distintas e que não há neutralidade no processo artístico, sempre há uma tomada de posição, um caráter de interpretação de realidade sendo exposto na obra. Já a tatuagem “newschool” vai pegando muito de referência o grafitti, na correlação da tatuagem com a arte das ruas, a complexificação das cores e a grande realização de personagens. Esteticamente há nesse estilo uma caracterização regional muito maior na tatuagem, tendo em vista que existem nela representações da cultura e identidade brasileira, referenciada no grafitti realizado aqui, mesclando com referências mundiais, isso acontece também com a tatuagem que é feita se apropriando do processo da xilogravura, arte milenar originária do nordeste brasileiro que era muito usada na literatura de cordel, trazendo o contexto da realidade nordestina e brasileira, isso trás um caráter específico e único para a tatuagem brasileira, tendo em vista que essa técnica usada é originária do nosso país e não importada de outros locais, os desenhos realizados tem grande fundamentação, importância cultural, política e social e não estão esvaziados de significado como muitos desenhos ditos comerciais que misturam uma grande quantidade de significados sem entender profundamente nenhum, tornando a tatuagem meramente mercadoria, objeto de consumo para quem tem poder de compra.



“Forró” – Tatuagem realizada pela artista Flora Ramos (@floraramos_) Fonte: tatto2me

Através da análise dessas imagens que retratam tatuagens que conversam e expõe a cultura e identidade brasileira, comprova-se que, no campo artístico e reflexivo da arte dentro da particularidade do processo da tatuagem, com a mudança de território, se altera o modo como a arte conversa com o espectador, tendo em vista que ela está retratando uma sociabilidade e um tempo histórico específico, como é o caso da tatuagem acima que retrata o contexto territorial, artístico e cultural do nordeste. Existem atualmente no campo da tatuagem no Brasil, profissionais que são focados em retratar as mais diversas histórias do nosso povo e suas especificidades, Índia e Pablo, por exemplo, debate e expõe a tatuagem como ancestral e originária, e demonstram em seus desenhos transpassados para a pele,

significados profundos atribuídos à identidade, território, raça e etnia. Isso se difere do processo da tatuagem comercial realizada atualmente, pautada somente como mercadoria.



Tatuagem realizada pelo artista Pablo Xamã @pabloxamatattoo



Tatuagem realizada pela artista Índia (@_indiatattoo)



Tatuagens realizadas pelo artista Caio Cruz. Fonte: Tattoo2me.

Apesar dos estilos acima se diferenciarem entre si, representam a cultura e identidade brasileira, de forma a trazer uma especificidade local dentro do contexto da tatuagem, já que remetem à cultura aqui existente. Tatuagens como dos artistas acima tem aprofundamento crítico, teórico e prático e se difere totalmente de uma tatuagem meramente reprodutiva e que não conversa com a realidade, como é o

caso de quando tatuadores passam para à pele uma pessoa com traços europeus com um cocar de indígena americano. A tatuagem, conta uma história, reflete um posicionamento do artista e do corpo tatuado, historicamente, o que se observa é a tentativa de apagamento da ancestralidade dentro dos mais diversos campos artísticos, tornando valorizada, somente à arte que remeta à cultura ocidental branca.

Por sua vez, no sentido de “compreender” o trabalho criativo do africano ou afro-brasileiro, os críticos formados sob os critérios estranhos da sociedade branca dominante necessitam preliminarmente esvaziá-los de seu valor intrínseco, conseguindo perceber neles somente aquelas características recomendadas pelo etnocentrismo original que os inspira e guia na classificação do que seria “primitivo”, “cru”, “tosco” ou “arcaico”. (NASCIMENTO, 2016, p. 111)

Como bem exposto por Abdias do Nascimento, o que acontece é uma supervalorização artística que tem critério racial, isso explica o fato de vários veículos midiáticos quando vão tratar do assunto da chegada da tatuagem no Brasil, atribuem um falsificamento histórico à esse fato, afirmando ter sido com o advento da primeira máquina elétrica, considerando as demais formas de tatuagem como arcaicas e primitivas.

É possível que através da análise que estamos traçando, façamos uma correlação sobre o debate de acessibilidade no quesito cultural e artístico. Quando se trata de expormos o processo da arte urbana, partimos do pressuposto de que essa arte gera acessibilidade à todos que por ali passam e podem consumir aquela arte, de forma a ser tocado e levado a uma reflexão ao observá-la, quando falamos especificamente da tatuagem, o produto artístico fica envolto sob a pele humana, levando a arte à diversos lugares, fazendo com que mais pessoas se apropriem dela, façam uso e contribuam para sua desestigmatização e reflexão, isso quando trago aqui a tatuagem crítica, pensada, feita com entendimento de técnica e teoria, observando os processos históricos e tendo respeito por eles, principalmente, pelos povos originários que já se tatuavam anteriormente ao uso da máquina elétrica.

3.2 A tatuagem no cárcere: objeto de afirmação identitário.

O cárcere só existe devido à desigualdade entre classes, ele funciona como mecanismo coercitivo do Estado, que tem a proposta de “reeducar, reinserir” com base no medo, no aprisionamento e na tortura, o que sabemos que não funciona, tendo em vista ao contingente enorme de reincidentes e a insalubridade que é existente dentro desses locais. No livro “As prisões da Miséria”, de Loic Wacquant, é traçada uma análise profunda sobre o contexto carcerário, de forma que é exposto que, a penalidade neoliberal é produto da criminalização da pobreza, da penalização da miséria. Isso se materializa com o pânico instaurado pela mídia, que dissemina ideias de medo com relação a furto, assaltos e o tráfico de drogas, tudo isso sem nenhum tipo de discussão profunda, somente colocando como um fato dado, de pessoas que são “naturalmente criminosas e bandidas”. É preciso evidenciar também, que o produto da miséria dos países da América Latina, que faz com que o encarceramento nessas regiões seja de um contingente enorme de pessoas é promovido pelo imperialismo norte-americano, que rouba recursos para exportação a um valor muito baixo, o que desvaloriza a matéria-prima existente nesses países e supervaloriza a tecnologia desenvolvida na Europa. Tudo tem por base a exploração do trabalhador:

Uma estatística: em 1992, a polícia militar de São Paulo matou 1.470 civis - contra 24 mortos pela polícia de Nova York e 25 pela de Los Angeles -, o que representa um quarto das vítimas de morte violenta da metrópole naquele ano. É de longe o recorde absoluto das Américas. Essa violência policial inscreve-se em uma tradição nacional multissecular de controle dos miseráveis pela força, tradição oriunda da escravidão e dos conflitos agrários, que se viu fortalecida por duas décadas de ditadura militar, quando a luta contra a "subversão interna" se disfarçou em repressão aos delinqüentes. (WACQUANT, 2004 p.5)

Para trazer à tona a tatuagem no sistema penitenciário, é preciso evidenciar a existência das facções organizadas e a sua razão de ser. O massacre no Carandiru em 1992, onde a polícia executou a sangue frio 111 pessoas dentro do sistema carcerário, explica a razão de ser das facções, sua origem, com o PCC, que deu início às facções no Brasil no Centro Penitenciário de Taubaté com objetivo de vingar as 111 mortes no massacre do Carandiru.

ESTATUTO DO P.C.C.

Lealdade, respeito, e solidariedade acima de tudo ao Partido.

A Luta pela liberdade, justiça, e paz.

A união na Luta contra as injustiças e a opressão dentro da prisão.

A contribuição daqueles que estão em Liberdade com os irmão dentro da prisão, através de advogados, dinheiro, ajuda aos familiares e ação de resgate.

O respeito e a solidariedade à todos os membros do Partido, para que não haja conflitos internos, pro que aquele que causar conflito interno dentro do Partido, tentando dividir a irmandade será excluído e repudiado do Partido.

Jamais usar o Partido para resolver conflitos pessoais, contra pessoas de fora. Porque o ideal do Partido está acima de conflitos pessoais. Mas o Partido estará sempre Leal e solidário à todos os seus integrantes para que não venham à sofrerem nenhuma desigualdade ou injustiça em conflitos externos.

Aquele que estiver em Liberdade 'bem estruturado' mas esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, será condenado à morte sem perdão.

Os integrantes do Partido tem que dar bom exemplo à serem seguidos e por isso o Partido não admite que haja: assalto, estupro e extorsão dentro do Sistema.

O partido não admite mentiras, traição, inveja, cobiça, calúnia, egoísmo, interesse pessoal, mas sim: a verdade, a fidelidade, a hombridade, solidariedade, e o interesse comum ao Bem de todos, porque somos um por todos e todos pro um.

Todo integrante tem que respeitar a ordem e a disciplina do Partido. Cada um vai receber de acordo com aquilo que fez por merecer. A opinião de Todos será ouvida e respeitada, mas a decisão final será dos fundadores do Partido.

O Primeiro Comando da Capital — P.C.C. fundado no ano de 1993, numa luta descomunal e incansável contra a opressão e as injustiças do Campo de Concentração "anexo" à Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, tem como tema absoluto "a Liberdade, a Justiça e a Paz".

O Partido não admite rivalidades internas, disputa do poder na Liderança do Comando, pois cada integrante do Comando sabe a função que lhe compete de acordo com sua capacidade para exercê-la.

Temos que permanecer unidos e organizados para evitarmos que ocorra novamente um massacre, semelhante ou pior ao ocorrido na Casa de Detenção em 02 de outubro de 1992, onde 111 presos, foram covardemente assassinados, massacre este que jamais será esquecido na consciência da sociedade brasileira. Por que nós do Comando vamos sacudir o Sistema e fazer essas autoridades mudar a prática carcerária, desumana, cheia de injustiça, opressão, torturas, massacres nas prisões.

A prioridade do Comando no montante é pressionar o Governador do Estado à desativar aquele Campo de Concentração "anexo" à Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, de onde surgiu a semente e as raízes do Comando, no meio de tantas lutas inglórias e a tantos sofrimentos atrozés.

Partindo do Comando Central da Capital do KG do Estado, as diretrizes de ações organizadas e simultâneas em todos os estabelecimentos penais do Estado, numa guerra sem tréguas, sem fronteiras, até a vitória final.

O importante de tudo é que ninguém nos deterá nesta luta porque a semente do Comando se espalhou por todos os Sistemas Penitenciários do Estado e conseguimos nos estruturar também do lado de fora, com muitos sacrifícios e muitas perdas irreparáveis, mas nos consolidamos à nível estadual e à médio e longo prazo nos consilidaremos à nível nacional. Em coligação com o Comando Vermelho – CV e PCC iremos revolucionar o país de dentro das prisões e o nosso braço armado será o Terror 'dos Poderosos' opressores e tiranos que usam o Anexo de Taubaté e o Bangú I do Rio de Janeiro como instrumento de vingança da sociedade, na fabricação de monstros.

Conhecemos a nossa força e a força de nossos inimigos Poderosos, mas estamos preparados, unidos e o povo unido jamais será vencido.

LIBERDADE! JUSTIÇA E PAZ!!!

Todo preso, é um preso político, o Comando só começou, devido à tortura e brutalidade exercida den do sistema carcerário brasileiro, reivindicando direitos básicos que ainda sao inexistentes dentro do sistema, dignidade para os detentos e suas famílias. A tatuagem presente no cárcere, que é feita dentro do ambiente, se difere de uma tatuagem que a pessoa tenha feito fora dali, em um estúdio regularizado. Primeiramente, devido à precariedade do equipamento, que é caseiro, se injeta muita tinta, que não é biocompatível com o corpo humano, tendo em vista

que, na maioria das vezes, é tinta de caneta, xadrez ou nanquim, o que torna o processo muito perigoso para contaminação cruzada, além disso, há uma estética própria da tatuagem dentro do cárcere, que fazem com que, os traços fiquem mais grossos, estourados, as sombras sólidas e demarcadas, com pouco rebuscamento, as atribuições e significados podem variar de acordo com a região mas muitas deixam uma marca no sujeito, principalmente se tiver vínculo com facções, tendo em vista que, algumas usam da tatuagem como meio de identificação, atribuindo significados próprios a determinados desenhos, porém, não dá para colocar essa estética e significados como únicos, homogêneos, como fazem os policiais, através da criminologia, atribuindo um papel de análise criminológica da tatuagem dentro e fora do cárcere, como se fossem todas feitas por um único significado, fazendo uma análise de totalidade, é possível observar que determinados desenhos mudam de atribuição e significado a depender do contexto, do território.

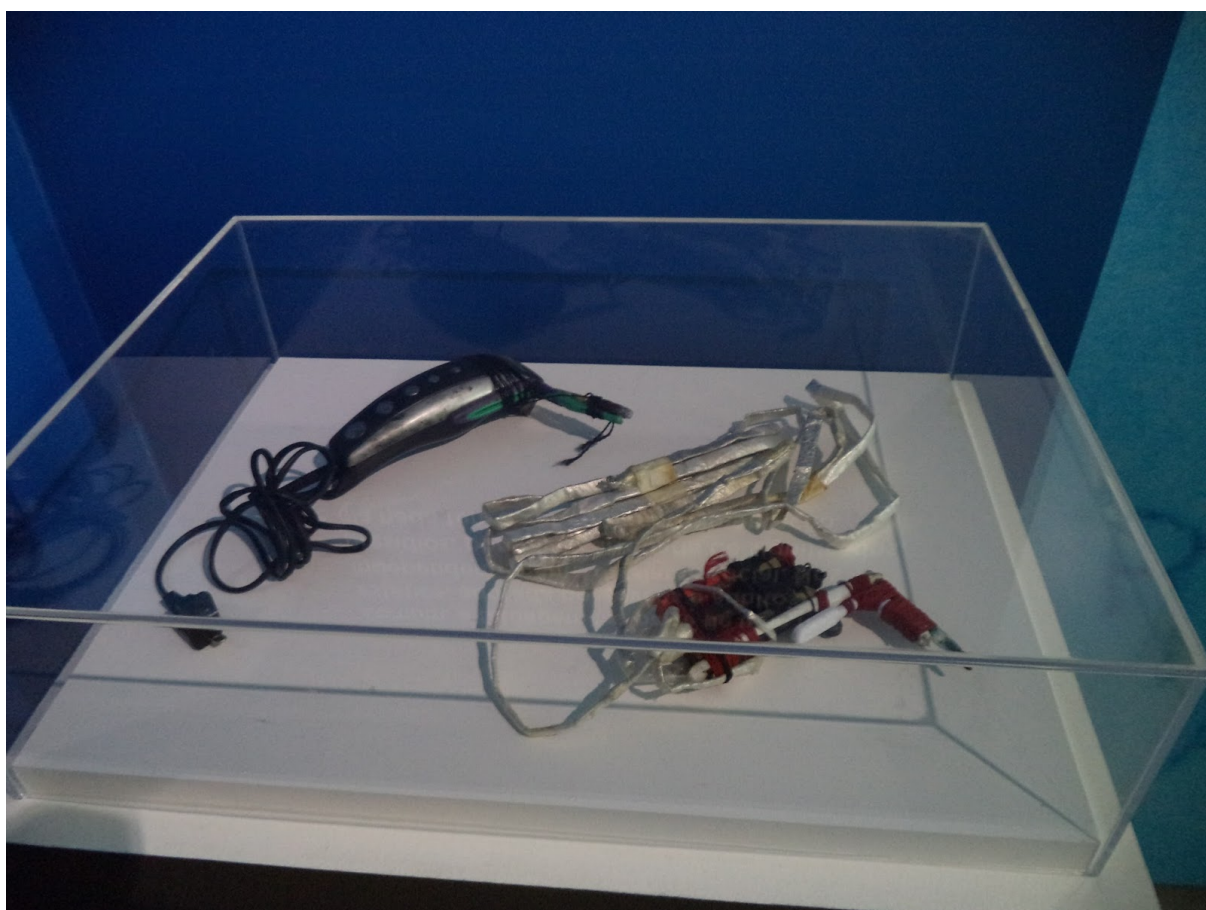
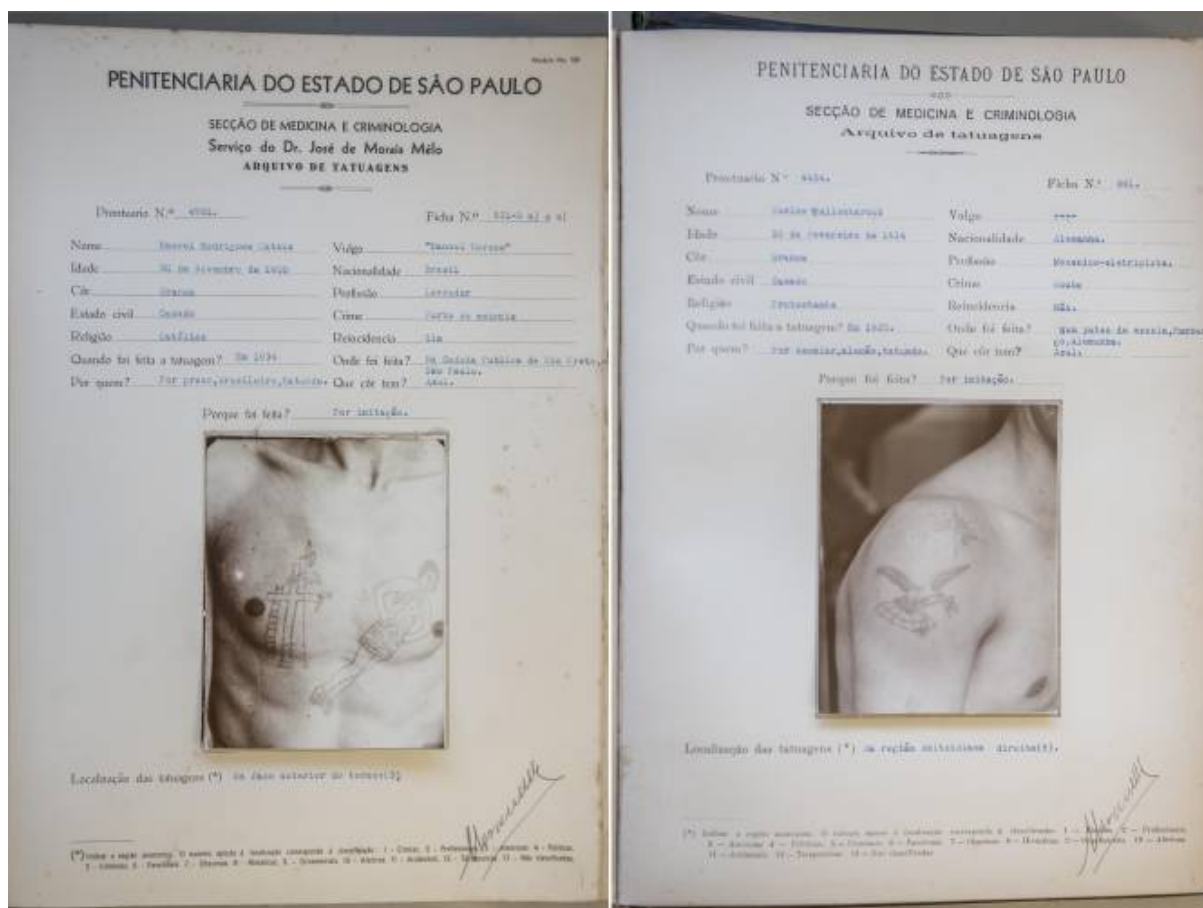


Foto de maquinário caseiro para realização de tatuagens do museu penitenciário paulista.
Fonte: Julietta moderna, 2015.

Atualmente, devido à grande popularização da tatuagem, acredita-se que ela deixou de ser estigmatizada, porém, é possível observar que, devido à estrutura

classista, sexista e racista de nossa sociabilidade, determinados grupos sociais são julgados, apontados e criminalizados pela realização de uma tatuagem e em contrapartida outros são tidos como rebeldes, desafiadores. Com sua grande popularização, atualmente não dá para categorizar grupos adeptos e nem atribuir um único significado a desenhos de um determinado indivíduo, como fazem os policiais. Isso também acontece nos laudos médicos, no artigo “Tatuagens e a vulnerabilidade às DST-aids em mulheres detentas” é possível observar o grande preconceito advindo das pesquisadoras Sônia Anuênio e Anecy Gionarni, que defenderam em 2003, que os grupos que fazem uso da tatuagem são “marujos, militares, caminhoneiros, profissionais do sexo, mineiros, membros de gangues juvenis, traficantes, deogaditos, lutadores de jiu-jítsu e prisioneiros”. É evidente o estigma que carrega, determinadas teses que criminalizam a tatuagem, como se, a pessoa por obter um desenho na pele, automaticamente seria enquadrada como prostituta ou criminosa. Durante este artigo, é expressivo a afirmação da insalubridade com a realização da tatuagem no cárcere, essa afirmação, se analisada de forma crítica, nos traz o entendimento da negação de direitos dentro do ambiente carcerário, que essa situação de transmissão de doenças através da tatuagem no ambiente carcerário, acontecem também, devido a insalubridade presente no ambiente e a falta de recursos e direitos básicos. Tratar deste tema, também é falar sobre saúde pública e direitos básicos das pessoas encarceradas no Brasil. Como nos traz Silvana Jeha (2019), historicamente, durante a década de 1930, pessoas tatuadas saiam no jornal somente quando se tratava de notícia de encarceramento e morte. Neste artigo mencionado acima, que trata de tatuagens no ambiente do cárcere de mulheres, as autoras afirmam que a pesquisa que fizeram levam a associação da tatuagem à delinquência e ideia de criminalização é loucura, ainda se faz presente atualmente, tendo em vista o estudo de policiais focados na área da criminalização da tatuagem, afirmando que tal estudo ajuda o policial a identificar um “possível criminoso”.



Arquivo do Museu Penitenciário de São Paulo - Fonte; EL País.

É preciso que haja o investimento em saúde pública para melhoria das condições dentro do sistema carcerário, bem como a educação sobre transmissão de doenças através do compartilhamento de materiais perfurocortantes, tendo em vista que nem todas as pessoas sabem dessa informação, bem como os riscos de se colocar na derme da pele um pigmento não adequado, que pode também ser prejudicial à saúde.

A tatuagem, portanto, pode servir para individualizar a pessoa humana e está ligada à sua identidade física. Essa característica deve constar do BIC – Boletim de Identificação Criminal –, que vai formar o “D.V.C.” (Ficha Criminal Policial). E para o início do processo penal, ainda que não se tenha conhecimento de outros dados, como o nome do suspeito, basta a identidade física do agente, nos termos do artigo 259 do Código de Processo Penal, podendo este ser denunciado com base em suas características físicas, dentre as quais pelos sinais do corpo ou pelas tatuagens. (PASCOAL, Lupo, 2021, p 4.)

É um absurdo em 2022, que a justiça leve em consideração a realização de um determinado desenho para julgamento de uma pessoa, tendo em vista que, a tatuagem é diversa, muitas pessoas o fazem fora do cárcere e sem conhecimento

sobre a linguagem da tatuagem dentro desse ambiente, ou mesmo somente para enfeitar o corpo e não com o objetivo de atribuir significado. Esse tipo de afirmação é extremamente preconceituosa e revela que, atualmente, o estigma da tatuagem ainda perdura em determinados grupos e isso está ligado diretamente com a questão racial e de classe.

Dentre os atos considerados criminosos, correlacionando com as pessoas adeptas à arte na pele, é possível observar que a população carcerária feminina tem crescido substancialmente no Brasil:

A taxa de mulheres presas no país é superior ao crescimento geral da população carcerária, que teve aumento de 119% no mesmo período. Na comparação com outros países, o Brasil apresenta a quinta maior população carcerária feminina do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos (205.400 detentas), China (103.766) Rússia (53.304) e Tailândia (44.751). (Dado levantado pelo Ministério da Justiça em 2014)

Dentro do sistema carcerário, o que se vê é uma perda total de identidade, isso pode ser expressado no uso de uniformes padronizados, na perda de liberdade, nos horários estabelecidos para tudo, nas más condições de higiene, na raspagem do cabelo. A tatuagem, é uma forma de expressão da identidade, portanto, se tatuar dentro do sistema carcerário, tem também um caráter de memória e de emoção, dentro dos mais diversos significados. A tatuagem no cárcere tem seu aspecto único e profundo, é vista com olhar de pejoratividade, porém, é muito mais profunda e diz muito mais sobre processos sociais e históricos do que as tatuagens comerciais, ditas “bonitas”, tudo é uma questão de ponto de vista. Não é à toa que as atividades exercidas dentro do sistema penitenciário remetam à estranheza, aversão por parte da sociabilidade, isso é algo socialmente construído em nosso imaginário. Dentro de um local onde se manifestar é proibido, tatuar por si só, é um ato de rebeldia antiprisional.

A criminologia historicamente atribui o uso da tatuagem como uma patologia, além de ser um indício de sujeito passível à criminalidade, começando pelas teorias de Lombroso (1991), criminólogo extremamente racista e conservador. Esse imaginário, ainda perdura em determinados corpos, mesmo a tatuagem tendo se popularizado tanto atualmente. Debater a particularidade da tatuagem dentro do sistema penitenciário é um processo difícil, que exige estudo aprofundado sobre os mecanismos repressores de transformação do sujeito, tendo em vista que lhe é

tirado tudo em nome da ressocialização, que não acontece. A tatuagem, se torna um elemento afirmativo de si, que o cárcere não pode tirar. É possível que se obrigue o sujeito a trocar de roupa, raspar o cabelo, se despir de adereços. A tatuagem, uma vez feita sob a pele no ambiente carcerário, fica permanentemente, tendo em vista que não há ali uma possibilidade de remoção com laser. Isso a torna um elemento fortíssimo de representação da consciência individual e coletiva, remete a existência de um mundo para além das grades, à liberdade tão sonhada pelas pessoas que foram impossibilitadas, em sua grande maioria, devido ao porte de pequenas quantidades de drogas, sem envolvimento com facções e que, apesar da constituição determinar que todos tem direito de serem ouvidos e julgados antes do encarceramento, não é o que acontece na materialidade. Muitos presos ficam esperando anos pelo julgamento.

3.3 Gênero como particularidade na história da tatuagem

A estrutura do modo de produção capitalista também está sustentada nas relações de gênero, mais especificamente no patriarcado, sistema presente na atualidade que se baseia na valorização maior de trabalhos de corpos de homens brancos e héteros, em detrimento dos demais corpos, que se veem associados à outros lugares, como o caso das mulheres com o cuidado da casa, com as mulheres negras à condições de trabalho inferiores, às pessoas trans à impossibilidade do trabalho formal e da formação educacional, isso faz com que as relações de trabalho se sustentem numa estrutura totalmente desigual, do ponto de vista racial, de gênero e também de classe, estes se relacionando e se agravando, conforme à posição social do sujeito.

O Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de status social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do branco.(NASCIMENTO, 2016, p. 56)

Acontece que, na contemporaneidade, há uma divisão social do trabalho que acontece com uma particularidade do período do capitalismo que aqui se faz presente, de forma que, à mulher, exerce um trabalho com a casa que não é

socialmente valorizado, principalmente à mulher mãe que se vê sobrecarregada dos cuidados com a casa, com filho e com o trabalho. Há portanto, uma tripla, até quádrupla jornada de trabalho da mulher, diferentemente do homem, que não é culpabilizado com relação às demandas do filho e isso vai para além dos dados estatísticos, tendo em vista que muitos estão presentes com seu nome na certidão de nascimento do filho, mas na realidade, no dia a dia, transferem o cuidado para a mulher, seja para a mãe da criança, ou para a avó.

A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. Num velho manuscrito inédito, redigido em 1846 por Marx e por mim, encontro a seguinte frase: "A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos". Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (ENGELS, 1948, p. 70)

Para darmos início à discussão sobre arte e cultura e sua relação de gênero, precisamos evidenciar que, devido à sobrecarga, às mulheres mães e mulheres com grande jornada de trabalho se veem sufocadas pelas demandas e impossibilitadas de consumir e fazer arte, não conseguindo realizar seus projetos e aspirações, o que acaba causando o adoecimento físico e mental, tendo em vista que a arte e a cultura tem um importante papel nas emoções humanas.

Isso ocorre porque o capital necessita constantemente diminuir o gasto com a reprodução da força de trabalho, o que acaba acarretando a diminuição dos valores dos salários de toda a classe trabalhadora. E, em particular, esse processo é ainda mais acentuado na força de trabalho feminina, que de certa forma já se encontra depreciada pelas relações de poder existentes entre os sexos, principalmente no seio da família patriarcal. Nesse processo, a mulher se transforma em uma espécie de "exército de reserva" de força de trabalho sub-remunerada, permitindo que o modo de produção capitalista tenha "argumentos" suficientes para continuar, em grande medida, seu processo de precarização do proletariado em geral, e da mulher trabalhadora em particular. (NOGUEIRA, 2010, p. 61)

Há também, para com as mulheres uma imposição de feminilidade, que se manifesta através da "delicadeza", do uso de roupas extremamente desconfortáveis para agrado do homem, de controle no modo de falar, de se vestir, de se comportar, nos mais detalhados e distintos afazeres. Isso não foge do

universo da tatuagem, além da melhor valorização do trabalho das tatuadoras, que não são igualmente reconhecidas no mercado como os homens, a grande maioria das mulheres procuram estúdios de tatuagens para realizarem flores delicadas, homenagem para os filhos, enquanto os homens estão sempre tatuando desenhos como leão, bússola e atribuem à esses desenhos significados de força e garra. Tudo isso diz respeito à identidade de gênero e a heteronormatividade, que impõe um padrão pré estabelecido para os corpos, os que fogem desse padrão, são vistos com olhares de estranheza pela sociabilidade, como é o caso dos “Freaks” (colocar nota de rodapé), denominação que anteriormente era usada como pejorativa e foi ressignificada pelos adeptos da modificação corporal ao redor do mundo.

Dentro das relações capitalistas, o gênero é fundamental para que elas continuem se perpetuando, tendo em vista que, a mulher assume um papel de dupla, tripla e quádrupla jornada de trabalho que não é remunerado, portanto, significa para o capitalismo uma mão de obra não paga, ou seja, um maior número de mais-valia excedente.

A mulher na história da tatuagem urbana no Brasil, de acordo com JEHA (2019) tem a maior parte de sua história em arquivos policiais e médicos isso diz muito sobre como se deu o desenvolvimento dessa tatuagem dentro da perspectiva de gênero, tendo em vista que, quando diz respeito à mulher, tudo anda em passos mais lentos, já que é existente a exploração de gênero, determinante das relações. Se tratando da tatuagem, que foi e ainda é alvo de repressão pela polícia, sendo usada como estudo da criminologia ainda atualmente, mulheres que se tatuavam durante este período estavam com mais um alvo de violência para com os órgãos institucionais e para com a sociabilidade no geral.

Há no mundo uma pressão pela expressão do feminino para com as mulheres, de transpassar a mulher do lar, que cuida e dá conta de tudo. Já no processo da tatuagem, como historicamente no Brasil em sua gênese no meio urbano ela foi atribuída a marginalidade, as mulheres que obtinham tatuagens no corpo, eram consideradas “desajustadas” socialmente, como contam os registros históricos, tragos pela autora Silvana na reunião de documentos do cárcere e laudos médicos brasileiros, além de entrevista com adeptos da tatuagem na década de 1970:

Se a história da tatuagem masculina é obscura, a história da tatuagem nas mulheres é ainda mais. Muitas mulheres que se tatuaram e não passaram pelos órgãos de repressão devem ter escondido pelo resto da vida uma marca que era de infâmia. No entanto, Vânia conta a história de sua tatuagem com orgulho, porque derrotou o estigma com a autoestima que foi ganhando ao se tornar ativista. (JEHA, 2019, p. 205)

Em seu livro, JEHA (2019) entrevista Vânia, prostituta há 45 anos, coordenadora da Associação Pernambucana das profissionais do sexo, integrante do movimento LGBT e da Uiala Mukaji, Sociedade das mulheres Negras de Pernambuco. A fala de Vânia sobre autoestima, demonstra o caráter transformador e emancipatório do processo da tatuagem, principalmente durante este período da década de 1970, onde ainda era muito estigmatizada. Vânia contou durante a entrevista que fazer uma borboleta no corpo foi sinônimo para ela de liberdade, a execução de um desenho destes durante aquele período, tem um significado muito mais profundo do que o atualmente, com a popularização e comercialização da realização da tatuagem de borboleta principalmente por mulheres. A tatuagem de Vânia, pelo período histórico, remete à memória, identidade e ressignificação dos corpos.

Tatuagem até a década de 1970 no Brasil era automaticamente atribuída pelas ciências humanas e pela sociabilidade no geral à predisposição à criminalidade, por este motivo, JEHA (2019) vai demonstrar a dificuldade de dissociar a história da tatuagem feminina à prostituição, devido também a falta de documentação e a estrutura fundante dessa sociabilidade que é o patriarcado, o que acaba por trazer os registros através de olhares e perspectivas de documentações elaboradas por homens e não por mulheres, isso demonstra que as classificações são feitas pelo olhar de privilégio determinante do pensamento burguês que obtinham a maioria dos homens compositores de classe média da época, devido ao histórico colonial do nosso país, tendo como base a discriminação racial.

Autores da criminologia preocuparam-se ao longo da história de disseminar o ideário discriminatório que relacionava a tatuagem a uma predisposição ao crime. Optar por se tatuar em uma época onde o Brasil estigmatizava de forma majoritária o seu uso, era, além de um ato de rebeldia, uma marca que carregaria para o resto da vida para ser alvo de repressão, visto que, até a década de 1970, era considerada uma marca para o crime, tendo em vista os estudos criminológicos que assim a categorizam.

Os grandes arquivistas das tatuagens são os médicos e policiais. Não há história da tatuagem até a primeira metade do século XX sem consultar seus arquivos. Ambos os discursos, além de relacionar a tatuagem à delinquência e à criminalidade, dividem frequentemente o mundo em suspeitos e insuspeitos, entre normais e anormais ou patológicos. (JEHA, 2019, p. 238)

É interessante observar que, o ideário de patologia proposto pela análise criminológica que atribui da tatuagem à criminalidade, delinquência, categoriza seres humanos dentro de uma suposta homogeneidade, onde só existissem dois grupos diferentes de pessoas: as más e as boas, as pervertidas e as benevolentes. Essa teoria cai por terra quando partimos de uma análise histórico/dialética, que analisa a totalidade das relações sociais, somente dessa forma, há uma discussão baseada na proximidade com a realidade, com as relações sociais entendendo que os seres humanos são diversos, únicos, dotados de particularidades e vivências e os significados pelo qual um sujeito realiza um desenho em sua pele são de sua vontade própria, não deveriam torná-lo alvo. Os pensamentos e sentimentos que levam um sujeito a realização de uma tatuagem podem ser momentâneos, mas ela fica sobre a pele de forma permanente, é fora da realidade categorizar como algo inerente à patologia do sujeito, é distorção da realidade.

Mulheres carregam violências e dores durante toda a sua trajetória, desde a infância, o julgamento e culpabilização existem simplesmente pelo fato de ter nascido mulher e isso acompanha todas para o resto da vida e qualquer coisa que ela faça ou decisão que venha a tomar, irão existir opiniões, olhares e definições prontas, baseadas no patriarcado. Se tatuar, além de ser um ato de rebeldia historicamente realizado por mulheres, era diretamente atribuído à prostituição, diferentemente dos homens, as quais lhe eram atribuídos à criminalidade mas também à religiosidade, ao fato de ser marinheiro e haver a necessidade de registrar o local de onde viera. Portanto, há a demonstração do caráter sexista existente nos registros e no imaginário da sociabilidade brasileira, não podemos naturalizar a profissão de prostituição, devido ao caráter violento ao qual as mulheres trans e cis tem de se submeter, na maioria das vezes por não achar outra alternativa, tendo em vista que, seres humanos dentro do modo de produção capitalista impositivo, precisam trabalhar para sobreviver.

O debate da prostituição é muito complexo, faz-se necessário uma análise de totalidade, de modo a analisar os períodos históricos. Essa profissão, apesar de ter um caráter combatente frente às normas patriarcais da sociabilidade que determinam a mulher o ambiente dos cuidados com a casa, com a família, tem um caráter fetichizado, tendo em vista que, no Brasil, a grande maioria das mulheres que trabalham nessa condição são pobres, pretas e trans e historicamente, a profissão foi usada como meio de obter lucro através da objetificação e exploração do corpo da mulher.

A prostituição em Atenas expandiu-se como nunca. Percebendo-a como uma boa fonte de lucros, Sólon instituiu os bordéis oficiais administrados pelo Estado. Nestes bordéis, prostituíam-se escravas, que vivam em péssimas condições, moradias insalubres e apertadas, análogas à celas e seus ganhos, controlados pelo Estado, não eram pagos à elas, mas a um funcionário que administrava o bordel, muito dificilmente chegando até elas. Este foi o primeiro tipo na história de cafetinagem das mulheres (Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013, p. 2)

Isso demonstra que o debate do feminismo que apenas evidencia a atribuição da mulher ao lar e discute somente questões de maternidade e trabalho, é incompleto e excludente. É preciso que haja interseccionalidade, à explicitar as particularidades presentes nas mulheres, tendo em vista que são diversas e dentro de cada particularidade, existem diferentes formas de exploração e violência para com determinados corpos. Dentro dessa profissão, é necessário evidenciar também que é culturalmente famosa a figura do “cafetão” e também é fortemente presente em filmes questões como tráfico de mulheres, principalmente dentro da América Latina, não diferente, a prostituição acontece em benefício do homem e objetificação e mercadorização para com as mulheres.

Com a diferenciação na propriedade, isto é, já na fase superior da barbárie, aparece, esporadicamente, o trabalho assalariado junto ao trabalho dos escravos; e, ao mesmo tempo, como seu correlativo necessário, a prostituição profissional das mulheres livres aparece junto à entrega forçada das escravas. Desse modo, pois, é dúbia a herança que o matrimônio por grupos legou à civilização - e tudo que a civilização produz é também dúbio, ambíguo, equívoco, contraditório: de um lado a monogamia, de outro, o heterismo, incluída a sua forma extrema, a prostituição. O heterismo é uma instituição social como outra qualquer, e mantém a antiga liberdade sexual. . . em proveito dos homens. Embora seja, de fato, não apenas tolerado, mas praticado livremente sobretudo pelas classes dominantes, ele é condenado em palavras. E essa reprovação, na realidade, nunca se dirige contra os homens que o praticam e sim, somente, contra as mulheres, que são desprezadas e repudiadas, para que se proclame uma vez mais, como

lei fundamental da sociedade, a supremacia absoluta do homem sobre o sexo feminino. (ENGELS, 1984, p. 72)

Historicamente a partir da instauração do patriarcado como modelo, há uma figura masculina lucrando em corpos femininos. Isso se dá tanto no campo da prostituição, quanto no campo da pornografia, quando observamos quem são os sujeitos donos dessas indústrias. Aqui também é importante elucidar o debate sobre propriedade privada, pois nem sempre as relações foram estabelecidas dessa forma. O corpo da mulher foi explorado financeiramente a partir do desenvolvimento do trabalho, nem sempre houve esse ideário de família, ele foi construído historicamente.

Contudo, no marco dessa estrutura da sociedade baseada nos laços de parentesco, a produtividade do trabalho aumenta sem cessar, e, com ela, desenvolvem-se a propriedade privada e as trocas, as diferenças de riqueza, a possibilidade de empregar força de trabalho alheia, e com isso a base dos antagonismos de classe: os novos elementos sociais, que, no transcurso de gerações, procuram adaptar a velha. estrutura da sociedade às novas condições, até que, por fim, a incompatibilidade entre estas e aquela leva a uma revolução completa. (ENGELS, 1984, p. 11)

O ideário romântico como base moral, entre uma família representativa através do casamento, à atribuição ao lar foi planejado e objetivado no lucro, de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas, bem como, a prostituição se intensificou no período pós Revolução industrial, com o desemprego feminino, entre as décadas de 1860 e 1870, países ocidentais como a Grã-Bretanha tomaram a posição de regulamentar a profissão. A disseminação da sífilis contribuiu para a repressão às prostitutas (LUCIANO; APARECIDA, 2013, p. 4).

Na literatura clássica grega, há muitos vestígios de que entre os gregos e os povos asiáticos existiu realmente, antes da monogamia, um estado social em que não somente o homem mantinha relações sexuais com várias mullieres, mas também a mullier mantinha relações sexuais com diversos homens, sem que com isso violassem a moral estabelecida. (ENGELS, 1984, p. 9)

Ainda atualmente, o ideário romântico e monogâmico das relações é extremamente usado pela indústria midiática, gera lucro para o Estado, para o setor comercial. Em contrapartida, mulheres negras, que não se enquadram nessa definição proposta da família que também tem herança colonial, são colocadas no âmbito do silenciamento, das relações extraconjugais, da prostituição e do exercício do trabalho doméstico:

Acontece que a mucama "permitida", a empregada doméstica, só faz cutucar a culpabilidade branca porque ela continua sendo a mucama com todas as letras. Por isso ela é violenta e concretamente reprimida. Os exemplos não faltam nesse sentido; se a gente articular divisão racial e sexual do trabalho fica até simples. Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam em "lidar com o público"? Ou seja, em atividades onde não pode ser vista? Por que os anúncios de emprego falam tanto em "boa aparência"? Por que será que, nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira e raramente copeira? Por que é "natural" que ela seja a servente nas escolas, supermercados, hospitais, etc e tal? (GONZALES, 1984, p. 233)

É preciso que mulheres tenham condições dignas de trabalho, na qual não precisem se submeter à um trabalho que é extremamente violento e exploratório como a prostituição e emprego com direitos trabalhistas garantidos mas também é preciso evidenciar que numa realidade que não está baseada no modo de produção capitalista que explora a população, existindo desigualdade entre classes, não seria necessário a reprodução sexual do trabalho e seria possível uma realidade em que, não existisse desigualdade entre classes nem patriarcado. Existe uma visão defendida por "feministas liberais" (LUCIANO; APARECIDA, 2013, p. 8) de que mulheres são donas de si e podem fazer o que quiser com seu corpo, uma vez que no capitalismo tudo pode ser transformado em mercadoria. Há pessoas que defendem a ideia de que é preciso a regulamentação da profissão, garantindo os direitos da mulher. A realidade mostra que na materialidade, mesmo havendo tentativa de regularização, não é assim que as coisas acontecem.

O exemplo mais conhecido de país regulamentarista é a Holanda. Lá a prostituição é legalizada há nove anos e teoricamente as prostitutas maiores de 18 anos teriam os mesmos direitos de qualquer trabalhador, atuando com carteira assinada, direito à férias e plano de saúde, em bordéis 9 Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN2179-510X que obedecessem à rígidas normas das vigilância sanitária. De acordo com Oliveira (2008), no entanto, a realidade mostra-se bastante distante da teoria: 80% das 40 mil prostitutas do país são imigrantes em situação ilegal (sendo uma parcela inclusive de brasileiras), que além de não ter acesso a esses benefícios, é obrigada a submeter-se a péssimas condições de trabalho, dependendo fortemente e cada vez mais de intermediários. (LUCIANO; APARECIDA, 2013, p. 8)

O debate da prostituição não pode se dar de maneira romantizada, à colocar as mulheres como supostamente livres, detentoras de seu corpo com intuito de defender à prostituição como trabalho. A discussão tem de ser muito mais profunda. Historicamente, no Brasil, as mulheres que eram prostitutas da corte imperial eram

majoritariamente negras (LUCIANO, APARECIDA, 2013). Atualmente, a realidade da prostituição é majoritariamente composta por mulheres pobres, negras e trans. Portanto, o debate precisa ser profundo, deixar de lado uma visão romantizada deste trabalho e elucidar as contradições presentes, evidenciando que, o corpo da mulher é objetificado, mulheres que exercem essa profissão sofrem constantes repressões policiais, são alvo de preconceito e majoritariamente não conseguiram emprego formal, por isso, optaram pela prostituição. Isso faz parte da estrutura, dentro do capitalismo, é preciso que haja um contingente de trabalhadores desempregados, em condições subalternas, violentas, bem como, atualmente, com a complexificação do trabalho, diversas profissões vão ficando cada vez mais desprovidas de direitos e quem mais sofre com isso é a população preta e pobre, no caso de ser uma pessoa trans e ex presidiária, dificilmente consegue um emprego formal. A pergunta que fica é: por que essa profissão fica majoritariamente reservada à uma parcela das mulheres brasileiras? Por que mulheres brancas de classe média não são adeptas dessa profissão?

O documentário *Se eu não tivesse amor* (2008) demonstra através de entrevistas com mulheres no contexto de cárcere que a grande maioria entrou na criminalidade devido à condição de pobreza, onde se vê um ganho financeiro através do crime e também devido ao relacionamento com homens que à inseriram na condição de criminalidade, muitas enganadas pelo parceiro. São exemplos de como o sistema patriarcal e capitalista são determinantes na vida das mulheres, de forma a fazer da sua vida triste, privada de liberdade e solitária, tendo em vista que, uma vez que essa mulher vai presa, não existe mais companheiro que a acompanhe. O ideário de monogamia na materialidade não funciona, mulheres são influenciadas ao casamento e a maternidade desde muito novas e quanto isto vêm à tona, a grande maioria dos casais não se mantém juntos e a mãe assume a responsabilidade sozinha, consta na última pesquisa do IBGE, 11 milhões de mães solo no país.

Muitas mulheres realizam tatuagens no corpo como símbolo do amor, carregando por vezes em seu corpo, o nome do sujeito amado, de forma a carregar em sua pele, uma marca de pertencimento a um homem, como único amor possível. Mulheres acabam sendo submetidas a essa lógica de forma a-crítica, reproduzindo as relações estruturais de poder, patriarcais. Isso acontece devido ao modo como a estrutura funciona, como ela opera, de forma alienada, fetichizada, imposta, fazendo

com que muitas mulheres julguem outras mulheres e exercem por vezes a reprodução da dominação, como o caso da mãe que julga o corpo da filha, impõe dietas ou a imposição do casamento. O amor romântico, que por vezes leva ao casamento, é mais uma ferramenta de dominação masculina, que coloca a mulher no ambiente de cuidado com a casa e com o marido.

O contexto do amor, da maternidade e da realidade carcerária é motivo de muitas tatuagens de detentas, que contam através dos desenhos e frases, suas histórias. Tatuagem além disso, tem um grande potencial de elevar a autoestima, em diferentes contextos quando se diz respeito à mulher, havendo significado profundo ou estético, é uma transformação que se é feita para se sentir melhor. Exemplo disso, são as tatuagens usadas para cobertura de cicatrizes, que podem ressignificar dores.

O começo da tatuagem urbana no Brasil, onde poucas mulheres se tatuavam, a maioria dos registros que se tem se baseiam em laudos médicos e de penitenciárias (JEHA, 2019), o contexto mudou muito em pouco tempo. Muito se tem avançado na luta política com relação aos direitos das mulheres, como por exemplo, se faz presente no Brasil diversos grupos organizados de mulheres que trabalham na prostituição, que é um dos primeiros registros da tatuagem no contexto brasileiro. Devido ao processo ser coletivo e relacionado com o desenvolvimento societário, há interligação do avanço na luta pelo direitos das mulheres com o fato de atualmente elas serem as maiores adeptas da tatuagem. Primeiramente porque na década de 1930, quando os homens que passavam e trabalhavam no porto se tatuavam no Brasil, são pouquíssimos os registros de mulheres tatuadas devido à grande estigmatização da tatuagem no período e também a grande repressão e dominação para com as mulheres, as roupas eram determinadas, havia muito mais fortemente à imposição do casamento e da maternidade, atualmente as coisas avançaram através da luta e muito se fala sobre liberdade e no direito de escolha da mulher com relação à casa e filhos, tendo em vista que são diversas, se tatuar portanto, é tomar posse de si, de sua autonomia. Apesar de atualmente as mulheres serem as mais adeptas à tatuagem, quando se observa quem são os artistas residentes em estúdios que realizam o processo, majoritariamente são homens, brancos. Isso acontece devido a nossa estrutura social, que atribui papéis hierárquicos, que privilegiam esse grupo, consequentemente, as notícias de assédio em estúdios de tatuagens não são

poucas. Vários tatuadores se aproveitam de situações na qual fazem uma tatuagem na mulher para fotografar e postar nas redes sociais, em seu portfólio, uma apresentação maior do corpo da mulher do que a tatuagem propriamente dita, usando assim, do corpo feminino como um produto a ser exibido. Recentemente, na cidade de Belo Horizonte, mulheres se reuniram e criaram uma cartilha em combate ao assédio nos estúdios de tatuagem, chamada “Minha tatu, minhas regras” orientando mulheres sobre o que fazer e como identificar.

Para que a tatuagem se popularizasse entre mulheres, foi preciso que várias brigassem com sua família, reivindicando o direito sobre seus corpos, a afirmação de ser dona de si e não de outrem, tatuagem é também, comunicação com o meio, afirmação de si, de seus ideários. Existe dentro da tatuagem diversas particularidades e motivos para os quais uma pessoa a realiza, a particularidade de gênero se mostra presente na questão de afirmação e reivindicação de posse do próprio corpo e do direito de ação sobre o mesmo e com o meio, diferentemente da tatuagem realizada pelo homem branco hetero-cisnormativo, que por muita das vezes servem de afirmação de uma suposta virilidade e força presentes no gênero masculino. Portanto, são atribuições que carregam fortemente a particularidade de gênero, independente do estilo de tatuagem, quaisquer for ele sempre haverá fortemente as diferenciações características da particularidade de gênero.

Outro aspecto de gênero a ser levantado no meio da tatuagem contemporânea no Brasil é com relação a manifestação da dor sentida durante o processo da tatuagem. É comum que homens demonstrem ter mais resistência a dor para diversas atribuições da vida cotidiana em comparação com mulheres mas isso não diz respeito a sensação da dor mas sim em como ela se manifesta socialmente, tendo em vista que historicamente foi atribuído ao homem uma masculinidade tóxica na qual há uma determinada imposição sobre a manifestação de sensações e sentimentos, sendo a relação com a manifestação da dor, um desses aspectos de forma que, o homem forte, viril, guerreiro, não chora, não sente dor. Portanto, a relação com a dor se difere não na maneira que ela é sentida, tendo em vista que o processo de aplicação varia relativamente pouco conforme a mudança de profissional mas se difere em como ela é manifestada, de modo que os homens evitam se manifestar sobre ela, afirmando que não dói, fazendo grandes desenhos em várias regiões do corpo e já é comum entre mulheres desenhos

menores e uma maior e mais sincera manifestação da dor sentida durante o processo, que além de artístico, também é social.

Atualmente, através da luta de mulheres contra o patriarcado, foi-se ampliando o debate acerca da liberdade feminina, da execução de suas próprias aspirações, do reconhecimento da força feminina que historicamente foi vista como frágil, quebrável e sensível. Por esse motivo, vários movimentos culturais, políticos, sociais e artísticos vão trazer a ressignificação da leitura feminina, que passa de frágil para forte, selvagem e livre. Para ilustrar melhor dentro do campo artístico, temos a cantora Mac Júlia, residente em Contagem - MG, mãe de dois filhos, fala muito sobre empoderamento feminino em suas músicas transformando a linguagem do corpo e ações da mulher, de forma que, tem em sua marca característica a determinação de “Dona Onça”, demonstrando que, mulheres são, além de tantas outras coisas e particularidades, fortes, resistentes e capazes. No meio da tatuagem, observa-se que, com esse mesmo movimento, há também uma adesão de mulheres à símbolos, desenhos e animais que remetem à força, garra, vontade, liberdade e não só desenhos delicados, como foi determinado e imposto através da feminilidade. Diferente dos homens, que colocam desenhos de animais selvagens em seu corpo para demonstrar uma certa virilidade, mulheres o fazem como símbolo de conquista, reconhecimento de si, de sua força e capacidade em um universo onde sua vivência sempre foi transpassada por imposições e determinações de como ser e o que fazer, portanto, tatuagens como essa no corpo feminino, diferentemente do masculino quando há o objetivo de demonstração de virilidade, tem um significado muito profundo e por vezes subjetivo.

3.4 Movimentos contestatórios e a correlação com o uso da tatuagem

Em nossa sociabilidade, existiram determinados movimentos ao longo da história que, além de serem contestatórios ao modelo de sociabilidade vigente, eram adeptos da tatuagem. Logicamente, que esses movimentos não são homogêneos e fazem uso do corpo e da modificação corporal de forma diversa. A estética muda de um grupo para o outro, por exemplo, quando se fala em cultura Hip-Hop e cultura Punk, observa-se dois movimentos distintos mas ambos contestatórios. A prática da

modificação corporal, além de identidade, expõe às emoções do indivíduo, a cultura dentro de determinado movimento vai fazer uso da tatuagem com uma estética e representação particulares.

O movimento punk era um dos adeptos da tatuagem durante a década de 1980, um movimento que originou a ideia do DIY, “faça você mesmo” e confrontou os ideários de consumo capitalistas. Foi uma das culturas que se relacionou com a tatuagem, é interessante observar que, essas diferentes culturas se relacionam entre si e que a correlação de determinados movimentos com a modificação corporal e trazendo aqui mais especificamente a tatuagem, tem ligação direta com a identidade, que é um processo construído.

Os processos sociais contemporâneos acentuam a complexidade das condições de constituição das identidades. Esta complexidade deve-se ao carácter fluido e volátil da identidade que está sempre em constante mutação e construção, ou seja, nunca está completa. Como refere Hall, as identidades não são integrais, originárias e unificadas, são fragmentadas, fraturadas e multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagónicas JESUS apud (HALL, 2000, p.108).

Dentro do movimento punk existem pessoas diversas, a grande adesão da maioria pela modificação corporal expõe um carácter de atitude e rebeldia, que muitos realizavam e se prejudicavam socialmente por isso, tendo em vista que, de acordo com o documentário Botinada (2014), os punks não conseguiam emprego formal. Isso demonstra o que configurava ir contra a normatividade durante a década de 1980 à 1990 no Brasil. Dentro do movimento punk, há um debate profundo sobre autonomia, através do DIY, tratar de tatuagem é também falar sobre identidade e autonomia, a partir do momento que subtende-se que se tatuar, é tomar posse de si, de sua identidade, é realizar uma marca no corpo mesmo sabendo que pode se tornar alvo de discriminação, à depender do período, do contexto, do desenho e de quem o faz, no caso do movimento punk, era essa a realidade, de repressão.

O movimento Hip-Hop, surge no contexto do Bronx, onde jovens negros e periféricos se reúnem para se divertir, dando origem aos grafiteiros, aos Bboys e Bgirls, ao Dj e ao Mc. Atualmente, o movimento se diversificou, de modo que, são existentes várias vertentes do movimento, algumas contestatórias e outras nem tanto, mas que bebem da raiz do movimento que é política e revolucionária. No

contexto brasileiro, o Hip-hop sempre salvou vidas, de modo que, o movimento desde sua chegada no país, sempre esteve presente na periferia, através das batalhas, dos saraus, das pichações, das rodas de breaking e do grafitti. O contexto latino-americano e brasileiro, é fortemente marcado por repressão e violência. Se trata de uma região que foi colonizada, que houve ditadura e que os métodos de tortura da polícia no país funcionam mascaradamente como nestes períodos, durante esses sistemas. Artistas da velha guarda como o Planet Hemp, fazer a junção de se manifestar contra a criminalização da maconha, que é um dos maiores motivos de encarceramento em massa no nosso país, além de defender também a descriminalização da pixação, que é uma manifestação cultural e artística assim como o grafitti, mas que ainda é extremamente estigmatizada, sendo vista como algo sujo e criminoso.

Precisamos compreender o por que de algumas ações serem consideradas vexatórias, que merecem punição e em contraponto outras ações acabam por ficar impunes, como é o caso do crime da Samarco na região de Mariana, que afetou todo o país e trouxe inúmeros, incalculáveis atingidos. Como trago na música do grupo de rap belorizontino DV tribo no ano de 2016 o mesmo juiz que condenou o pixador da cidade GOMA à 10 meses de cárcere por crime ambiental com relação a uma pixação na igreja da Pampulha em BH, não atribuiu nenhuma sentença à nenhum criminoso da empresa VALE. O movimento hip-hop tem grande influência no processo da tatuagem, principalmente dentro do estilo New school, que bebe diretamente do grafitti, através das suas cores vibrantes, marcantes e das representações dos personagens, num estilo mais livre.

Como nos traz a historiadora JEHA (2019) em sua entrevista acerca do livro de sua autoria “Uma história da tatuagem no Brasil”, os corpos tatuados aqui no meio urbano durante a década de 30, eram corpos estigmatizados, de pessoas que não cumpriam o padrão estabelecido da heteronormatividade patriarcal branca, tanto que, nesta época, quem se tatuava sem sua maioria eram homens pobres e mulheres prostitutas e quando se registravam pessoas tatuadas nos jornais, eram sempre mortas ou como presidiários, afirma a autora. Atualmente, a academia de polícia tem um estudo sobre as tatuagens que reforça o preconceito e o estigma fundamentados no racismo presente nesta instituição que funciona como organismo repressor a serviço do estado. Na presente cartilha intitulada “Cartilha de Orientação policial. Tatuagem: desvendando segredos”, o capitão José Lázaro da Silva dá

nomes e significados para determinados desenhos dentro do meio da tatuagem, que de acordo com ele, funcionam para “identificar atos criminosos do indivíduo”, como por exemplo: o desenho de nossa senhora nas costas significa que a pessoa foi violentada sexualmente ou já violentou alguém sexualmente, teia de aranha significa que a pessoa já cumpriu pena no sistema carcerário e quando tem um palhaço tatuado, que já matou um policial. Existe um grande problema nessa teoria de estudo criada por esse polícia, primeiramente, quando ele afirma que isso o objetivo dele é contribuir para a abordagem policial, ele está reforçando que a pessoa tatuada tem envolvimento com a criminalidade. Realmente, dentro do sistema penitenciário, algumas instituições como a do crime organizado, atribuíram significados a determinados desenhos, mas isso não significa que todas as pessoas tatuadas fora do sistema carcerário, vivendo em liberdade, por ter um desenho específico, ele remete a algum ato criminoso. Isso é um absurdo e essa afirmação dá aval para que pessoas tatuadas sejam alvo de repressão policial.

Portanto, continuar se tatuando, é um ato de resistência. Infelizmente, apesar da tatuagem ter se popularizado atualmente, ainda existem pensamentos retrógrados e conservadores que agem com discriminação para com a arte na pele, exemplo disso, é o presidente Jair Bolsonaro em janeiro de 2022 que proíbe tatuagens aos ingressos na marinha:

O presidente Jair Bolsonaro sancionou a Lei 14.296, de 2022, que proíbe o ingresso na Marinha de pessoas com tatuagens que façam alusão a "ideologia terrorista ou extremista contrária às instituições democráticas", ou a violência, criminalidade, ato libidinoso, discriminação e preconceito de raça, sexo ou credo. A nova lei também proíbe tatuagens na cabeça, no rosto ou na parte da frente do pescoço. (Agência Senado: 2021, p. 1)

É preciso evidenciar que a arte no geral é política, que ela em suas diversas expressões se manifesta de forma contestatória, essa lei 14.296, além de retrógrada é discriminatória e quando condena “tatuagens que façam alusão ao terrorismo” sabemos que os atual governantes de extrema direita instituíam terrorismo como movimentos políticos e sociais de esquerda e origem periférica, mesmo discurso foi usado durante a ditadura militar como motivo para tortura, encarceramento e assassinato. Apesar de ter sido dito em plenário que o que se busca é a segurança dos militares e não há polêmica no quesito liberdade de expressão, o que acontece na materialidade é exatamente o oposto: a seguinte lei fere todo e qualquer princípio

de liberdade de expressão e além de tudo é discriminatória com o corpo modificado, além de ser usada como forma de proibir que pessoas com pensamentos políticos de esquerda manifestados em seu corpo adentrem na instituição. Nada é por acaso e apesar dessa afirmação de uma suposta segurança, o que está havendo e em curso no Brasil é um aumento da repressão em diversas camadas e através de diferentes expressões. Há quem diga que estamos vivenciando uma ditadura mascarada pela mídia e através das fake News.

Devido a grande popularização da tatuagem acredita-se que ela tenha deixado de ser estigmatizada, porém, é possível notar que atualmente ainda há a necessidade da realização de tatuagens em locais mais escondidos devido ao medo do trabalhador quando se trata da inserção no mercado de trabalho, pois, apesar da tatuagem não poder ser motivo da não contratação, estabelecido no artigo 492 da CLT, sabemos que isso ainda acontece, tendo em vista que há uma questão moral com determinados desenhos que são considerados grandes, exagerados e também o preconceito e estigmatização com pessoas modificadas, determinadas freaks. Apesar de ser estabelecido no artigo 492 da CLT que tatuagem não pode ser motivo de rescisão por justa causa, isso acontece de forma velada em muitos ambientes e empresas, onde dificilmente se vê uma pessoa com modificação extrema ou em grandes partes amostra no corpo, as pessoas ainda atualmente escondem por medo de ocorrerem discriminação no mercado de trabalho, apesar do avanço estabelecido nas normas da CLT.

O fato dos trabalhadores ainda atualmente encobrirem suas tatuagens por medo de não serem contratados ou de serem demitidos devido a elas, demonstra que a tatuagem ainda encontra-se estigmatizada quando realizada em locais expostos do corpo, demonstrando como ainda há uma forte imposição para com os corpos atualmente, exercendo a empregabilidade um poder coercitivo de manipulação de diversas características do sujeito, ficando esse, impossibilitado de se manifestar livremente devido a necessidade de sobrevivência através do trabalho.

CONCLUSÃO

A tatuagem é uma importante ferramenta de construção identitária do indivíduo, a partir do momento em que ele escolhe expressar no seu corpo, alguma emoção ou sentimento próprios, o que também a torna diversa e um mecanismo de resistência dentro de alguns setores, como no cárcere, onde é proibida, ela possibilita à pessoa que vive em privação de liberdade e retirada de identidade, remeter-se à suas vivências fora daquele ambiente, apesar da tentativa de silenciamento e apagamento que são resquício do período colonial, onde havia o mito da benevolência católica, propagado hoje pelo ideário de cumprimento de pena como “pagar penitência”.

Como a realidade é complexa e contraditória, existiram avanços e retrocessos dentro do processo das histórias da tatuagem urbana no Brasil. De um lado, há um enorme aprofundamento e união principalmente através do veículo da internet de profissionais comprometidos e éticos, que tem um debate artístico profundo e crítico e de outro lado, o processo vai se tornando mundialmente mercantilizado e tomado pelo aprisionamento em massa através da obrigatoriedade do uso das redes sociais para que o artista consiga vender seu produto, que o possibilita de sobreviver. Isso expõe como a nossa sociabilidade é contraditória e está em constante movimento e transformação, expõe que, apesar do avanço do neoliberalismo e de concepções conservadoras, há nos mais diversos setores, o sonho uma sociabilidade para além da existente e a continuação da luta política. O setor artístico no decorrer da história foi um importante veículo de luta, que mesmo com diversas formas de repressão e tortura, resistiu e se fez presente nas suas mais diversas manifestações. O processo da tatuagem no Brasil está circunscrito no desenvolvimento mundial e na totalidade, portanto, participa das contradições do capital x trabalho e do profundo adoecimento do trabalhador, das enfermidades que estão acontecendo devido a superexploração da natureza:

A estética, como filosofia da arte, como crítica histórica desta, sabe muito pouco ou quase nada acerca da origem do fator estético, o que obstaculiza a determinação precisa da linha divisória entre formações pré-artística e obras de arte. Diante de tais dificuldades, mas sob a clareza do método certificado por Marx, Lukács espera aproximar-se da distinção entre arte e trabalho e, assim, determinar o ponto nodal onde se ancorar para

comprovar com mais elementos seus pressupostos de que a arte não é inata: depende, mesmo que de modo relativo, do desenvolvimento coletivo da sociedade (SANTOS, 2018, p. 57)

O método materialista histórico dialético nos dá a possibilidade de entender que a arte está circunscrita na totalidade das relações, sendo essa, elemento que faz parte do desenvolvimento humano, sendo acompanhada por ele e se transformando em conjunto, o que explica as tantas mudanças e contradições presentes no universo artístico, político e cultural da tatuagem, de acordo com o local do qual se fala, o período histórico e as particularidades dos sujeitos. Por isso, é imprescindível tratar o assunto de maneira interseccional, o que foi buscado durante essa pesquisa, sendo possível evidenciar que existem traços marcantes de racismo dentro da história da tatuagem urbana no Brasil, bem como o debate de gênero, de classe.

A tatuagem é um elemento cultural que se faz presente em diferentes grupos brasileiros, sendo usada como ressignificação de dores, elevação de auto estima, elucidação de uma história importante, identificação com algum grupo. É interessante observar que mesmo havendo no contexto brasileiro censura às manifestações culturais e artísticas que são ligadas ao povo, elas resistem e continuam. Durante o desenvolvimento do trabalho foi possível observar o potencial contestatório, de afirmação de identidade que se faz presente, tendo cunho político e revolucionário contra a ordem vigente, de forma que, não expressa neutralidade e passividade frente às opressões existentes na sociabilidade, de modo a contestar proibições e determinações pré estabelecidas por mecanismos de repressão institucionais, o que vai de embate frente à lógica burguesa de dominação dos corpos e dos ideários.

Foi possível concluir no decorrer da pesquisa que a tatuagem acompanha o processo de avanço e complexificação do capitalismo nos tempos atuais, sendo incorporada pela lógica de enxugamento dos direitos trabalhistas e sendo também apropriada pela indústria, que faz da mesma um mercado altamente lucrativo, através da venda de equipamentos, cursos e convenções numa lógica de competitividade e de valorização da branquidade, posto que a grande maioria das peles que são tatuadas para serem exibidas a público são brancas.

Referências

AGÊNCIA SENADO: **Alterações no ensino naval e restrição a tatuagens na Marinha vão a sanção**. 2021. Disponível em <[Alterações no ensino naval e restrição a tatuagens na Marinha vão a sanção — Senado Notícias](#)> Acesso em: 01/10/2022

AGÊNCIA SENADO: **Restrição de tatuagens na Marinha é sancionada** . Publicado em 2022: Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/01/05/restricao-de-tatuagens-na-marinha-e-sancionada>> Acesso em:30/08/2022

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. Publicado em: 2018. Disponível em: <[\(99+\) O Privilégio da Servidão \[e-Livros | RACHEL RODRIGUES - Academia.edu\]](#)> Acesso em:30/08/2022.

BARTOLOMEU, Dirceu. **Trinta anos de enfrentamento à epidemia da Aids no Brasil, 1985-2015** Publicado em 2016 : Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/65XMXBCdW7mX6mMY5Zp4QHS/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em:30/08/2022

BOTINADA: **A origem do punk no Brasil**. 2016. Disponível em <[\(167\) BOTINADA \(The Rise of Punk Rock in Brazil\) - directed by Gastão Moreira - YouTube](#)> Acesso em:30/08/2022

BRITO, Ana Maria. AYRES, Euclides. LANDMANN, Célia. **AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada**. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 34(2): 207-217, mar-abr, 2000. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/zBSKHBDyfvfz7cLQp7fsSBg/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em:30/08/2022.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/429828028/COUTINHO-C-N-Cultura-e-Sociedade-No-Brasil>>Acesso em:24/10/2022

CESARIO, Daniel. **Protagonismo negro no rock**, 2022. Disponível em<[Protagonismo Negro no Rock: Onde Estavam os Representantes dos Anos 1980 e 1990? | CELACC USP](#)> Acesso em:30/08/2022.

CHAVES, Gheisa. **Se eu não tivesse amor**. 2009 [\(188\) Se Eu Nao Tivesse amor - documentario 2008/2009-RJ - YouTube](#)

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9ª Edição, Rio de Janeiro, 1984. Disponível em: <<https://www.bing.com/ck/a?!&p=520625107a558ab3JmItdHM9MTY2MzlwMDAwMCZpZ3VpZD0wZDU4Y2VhNC00NGFkLTYwZGQTMWJiZi1kY2I2NDU2MzYxMmImaW5zaWQ9NTE1OA&ptn=3&hsh=3&fclid=0d58cea4-44ad-60dd-1bbf-dcb64563612b&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cuYWVhZGVtaWEuZWR1LzZmXmNTQwMDc2L0VOR0VMU19BX29yaWdlbV9kYV9mYW0lQzMIQURsaWFfZGFfcHJvcHJpZWRhZGVfcHJpdmFkYV9IX2RvX0VzdGFkb19wZGY&ntb=1>> Acesso em: 15/09/2022

FERNANDES, Waleiska. **População carcerária feminina aumentou 567% em 15 anos no Brasil**; Agência CNJ de Notícias, publicado por Conselho Nacional de Justiça, 2015. Disponível em <[População carcerária feminina aumentou 567% em 15 anos no Brasil](#)> Acesso em:30/08/2022.

Gaia Scientia (2014) Ed. Esp. **Populações Tradicionais**. Volume Especial Populações Tradicionais: 189-198 Versão Online ISSN 1981-1268 Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/index>> Acesso em: 05/10/2022.

GARCIA, Marlon. Serviço Social, arte e extensão universitária: **A experiência do programa mineração do outro**. 2019. Acesso em: 30/08/2022.

GONZALEZ! Lélia. **Lugar de negro**. Publicado em 1982 :Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-hasenb-alg-lugar-de-negro1.pdf>> Acesso em:30/08/2022

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista: Ciências Sociais Hoje. 1984. Disponível em : <https://www.bing.com/search?q=gONZALEZ_Lelia_Racismo_e_Sexismo_na_cult.p df&cvid=cf00c40cce774c5a9604e4aa103a8230&aqs=edge..69i57j69i60.302j0j4&FORM=ANAB01&PC=ASTS> Acesso em:15/09/2022

JEHA, Silvana. **Uma história da tatuagem no Brasil: do séc XIX até a década de 1970**. Publicado em :2019. Acesso em: 30/08/2022.

LÁZARO, José. **Cartilha de orientação policial. Tatuagens: desvendando segredos**. 2012 Disponível em: [Cartilha Tatuagens- Final \(googlegroups.com\)](#) Acesso em: 30/09/2022

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética - São Paulo: Instituto Lukács, 2018**. Disponível em: [VI. CONCRETIZAÇÃO DA PARTICULARIDADE COMO CATEGORIA ESTÉTICA EM PROBLEMAS SINGULARES \(marxists.org\)](#)> Acesso em 30/09/2022.

MAAKAROUN, Bertha. **Krenak no 'Roda Viva': veja as frases mais marcantes do líder indígena**. Estado de Minas. Publicado em: 20/04/2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/04/20/interna_cultura.1258972/krenak-no-roda-viva-veja-as-frases-mais-marcantes-do-lider-indigena.shtml> .. Acesso em:30/08/2022

MARQUES, Agostinho. **A escravidão no Brasil**. Publicado em 1866 :Disponível em <<https://static.scielo.org/scielobooks/kbxjh/pdf/malheiros-9788579820724.pdf>> Acesso em:30/08/2022

MARX, Karl. **O CAPITAL**. Publicado em 1867 : Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap01.htm#c1s4>> Acesso em:30/08/2022.

MELO, Ezí. **Estrangeiros registram patentes sobre produtos da Amazônia**. A Gazeta, Rio Branco - AC - 27/12/2002 . Disponível em <<https://abfit.org.br/noticias/outros-anos/antes-de-2012/estrangeiros-registram-patentes-sobre-produtos-da-amaz%C3%B4nia>> Acesso em:30/08/2022.

MODERNA, Julietta. **Museu Penitenciário Paulista - Carandiru**. 2015. Disponível em < [Julietta Moderna: Museu Penitenciário Paulista - Carandiru](#) > Acesso em: 30/09/2022.

MORENO, Ana Carolina. **Mais de 5 milhões de crianças de 0 a 3 anos precisam de creche no Brasil, aponta levantamento**. TV Globo 25/08/2020 07h00 Disponível em <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/08/25/mais-de-5-milhoes-de-criancas-de-0-a-3-anos-precisam-de-creche-no-brasil-aponta-levantamento.ghtml>> Acesso em:30/08/2022.

OSÓRIO, Andréa Barbosa. **O Gênero da Tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro**. 2006. Acesso em: 30/09/2022.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Publicado em: 2005. Disponível em: <[ANIBAL QUIJANO - Colonialidade Do Poder, Eurocentrismo e América Latina | PDF | Turismo na Europa | Capitalismo \(scribd.com\)](#)> Acesso em:30/08/2022

SALLES, Ricardo. **A abolição revisitada. Entre continuidades e rupturas**. Publicado em 2017 :Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rh/a/XxbTNMZYPb3CcHrdtmsxHy/?lang=pt>> Acesso em:30/08/2022

SANTOS, Deribaldo. **Estética em Lukács**. 1954. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1954/mes/91.pdf>> Acesso em: 30/08/2022.

Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em : <[Microsoft Word - 1372969868_ARQUIVO_versaofinalparafazendogenero.docx \(dype.com.br\)](#)> Acesso em: 15/09/2022

SINCERO Júlia. **Xilotattoo: a arte da Xilogravura brasileira na pele**. 2021. Disponível em: <<https://blog.tattoo2me.com/xilotattoo-a-arte-da-xilogravura-brasileira-na-pele>> Acesso em: 30/09/2022.

TIBURI, Márcia. **Complexo de vira-lata: análise da humilhação brasileira**. 2021
Disponível em:
<https://teudoc.com/visualizar-livro-813302801130181221.php?p=20268>. Acesso em:
30/08/2022

TORRES, Thiago. **“Esquerda, precisamos falar sobre religião “**. Publicado em :
2021. Disponível em <https://youtu.be/acVAG_0shlc> Acesso em:30/08/2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Sistema de Bibliotecas e
Informação. **Guia para normalização bibliográfica de trabalhos acadêmicos**.
Publicado em 2017 : Disponível em
<<https://www.repositorio.ufop.br/image/guia-normalizacao-sisbin.pdf>> Acesso
em:30/08/2022

VASCONCELOS, Lara. Tatuagem Ancestral: **a resistência da arte corporal de 4 povos indígenas pelo mundo**. Publicado em 2022 : Disponível em; <
<http://nodeoito.com/tatuagem-ancestral/> > Acesso em:30/08/2022

VARGAS, Tatitane. Dia da Consciência Negra: **Por que os negros são maioria no sistema prisional?** Publicado em:19/11/2020 pela Fiocruz. Disponível em
<<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418>> Acesso em:30/08/2022.

VEDDA, Miguel. **Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética em Lukács**. In: VAISMAN, Ester; VEDDA, Miguel (Org.). Lukács: Estética e Ontologia. São Paulo: Alameda, 2014.

ZONTA, Márcio e TROCATE Charles (Org.). **Antes fosse mais leve a carga: reflexões sobre o desastre da Samarco/Vale/BHP/Billiton**. Marabá-PA: Editorial Iguana, 2016. p. 183-228 (Coleção A questão mineral, v. 2).